

G. MINAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS LTDA.

Cópia de Trabalho
Incompleta

FAZENDA DA RESSURREIÇÃO

ARGUMENTO, DIÁLOGOS E ROTEIRO TÉCNICO

DE

GERALDO SANTOS PEREIRA

BELO HORIZONTE
1998

CÓPIA 1/2 (LAMENTADA)

ROTEIRO TÉCNICO

TERMINOLOGIA TÉCNICA

<u>P.P.P.</u>	Primeiríssimo Plano
<u>P.P.</u>	Primeiro Plano
<u>P.A.</u>	Plano Americano
<u>P.A.L.</u>	Plano Americano Largo
<u>P.M.</u>	Plano Médio
<u>P.G.</u>	Plano Geral
<u>G.P.G.</u>	Grande Plano Geral
<u>“TRAVELLING”</u>	Câmera instalada em carrinho
<u>TRAV-AVANTE</u>	Carrinho para a frente
<u>TRAV-ATRÁS</u>	Carrinho para trás
<u>TRAV-LATERAL</u>	Carrinho para o lado
<u>TRAV-CIRCULAR</u>	Carrinho em curva
<u>CARRINHO</u>	Veículo sobre rodas
<u>PAN-E-D</u>	Panorâmica Esquerda-Direita
<u>PAN-D-E</u>	Panorâmica Direita-Esquerda
<u>PAN-A-B</u>	Panorâmica do Alto para Baixo
<u>PAN-B-A</u>	Panorâmica de Baixo para Alto
<u>“PLONGÉE”</u>	Câmera do Alto para Baixo
<u>“CONTRE-PLONTÉE”</u>	Câmera de Baixo para Alto
<u>“RACCORD”</u>	Movimento que se completa
<u>“ZOOM”</u>	Lente multifocal, de avanço e recuo
<u>“FLASH”</u>	Plano de curta duração
<u>BG</u>	“Background”: segundo plano sonoro.
<u>ESCURECIMENTO</u>	Passagem de tempo: imagem escurece e clareia
<u>FUSÃO</u>	Passagem curta de tempo: imagens se fundem

FAZENDA DA RESSURREIÇÃO

ROTEIRO TÉCNICO

SEQÜÊNCIA 1

EXTERIORES - AMANHECER - DATAS - RIO

1 a 5 - Amanhece na cidade de Datas e região do Alto Jequitinhonha. Câmera, em planos de localização, registra a beleza paisagística da região cercada por altas montanhas graníticas e banhada pelo rio Jequitinhonha, local de garimpo tradicional praticado na região.

6. *EXTERIOR - RUA DA CASA etc.* Focaliza-se, em Plano Geral, a rua de Datas onde residem José Raimundo dos Santos, sua mulher Marialva Correa dos Santos e a filha única do casal, Glória Maria, que chamam de Glorinha.

É uma família pobre, como, aliás, a maioria da população do Vale do Jequitinhonha. José Raimundo, ou, abreviadamente, Zé Raimundo, é um homem de 30 anos, moreno, forte, estatura mediana. Tem o rosto precocemente envelhecido pela pobreza e a difícil luta pela vida.

Marialva, com 27 anos de idade, é uma moça de grande beleza, corpo bem feito e atraente, olhos castanhos vivos e inteligentes. Antes de casar-se com Zé Raimundo, teve muitos admiradores, como Severino Silva, também garimpeiro, e, principalmente, Pedro Rezende, filho de um comerciante bem situado na cidade, formado em Comunicação Social, em universidade de Belo Horizonte, para onde se mudou, trabalhando como repórter em jornal e depois na televisão, onde adquiriu notoriedade e prestígio, o que o levou a casar-se com moça de família rica e ilustre, projetando-se na alta sociedade mineira.

Glorinha, com 10 anos de idade, finalmente, é uma moreninha encantadora, alegre, comunicativa, querida em toda a cidade. Estuda no Grupo Escolar "Milton Campos" e, ~~de vez em quando, acompanha o pai no garimpo com a pequena bateia que Zé Raimundo lhe deu.~~

EXTERIOR - RUA E CASA DE ZÉ RAIMUNDO - MANHÃ

7. Depois de enquadrar a pequena e modesta casa de Zé Raimundo, situada nos arredores da cidade, câmera, em Trav.-Avante, vai focalizar Zé Raimundo, Marialva e Glorinha em P.A., chegando do interior da casa, iniciando, cada qual, sua atividade no novo dia: Glorinha, vestindo uniforme de colegial despede-se dos pais, com um beijo, ouvindo sua mãe dizer:

MARIALVA: Não se esqueceu da merenda, Glorinha?

GLORINHA: Esqueci não, mamãe.

Zé Raimundo ergue a filha nos braços, beija-a carinhosamente e também lhe fala:

ZÉ RAIMUNDO: Estude bastante, minha filha, principalmente matemática. Vai com Deus.

Glorinha se afasta, enquanto Zé Raimundo volta ao interior da casa, de onde sai, pouco depois, carregando bateia e a quentinha com o almoço preparado pela mulher.

Antes de partir para o garimpo, Zé Raimundo também se despede:

ZÉ RAIMUNDO: Bom, vou indo, cavucar a terra e o rio. Quem sabe encontro um tesouro?...

MARIALVA: Deus te ouça, Zé!

Beija Marialva e, em direção contrária àquela seguida por Glorinha, Zé Raimundo se afasta a caminho do rio, enquanto Marialva vai para o interior da casa, fechando a porta de entrada.

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUNDO - MANHÃ - DATAS

8. Já no interior da casa, Marialva atravessa a pequena sala de visitas, decorada pobremente, e vai para um cômodo nos fundos, onde já se encontra a velha mãe, dona Aparecida, tecendo tapete Arraiolo.

Dona Aparecida, viúva de, aproximadamente, 50 anos de idade, é uma mulher tristonha e envelhecida, os cabelos brancos, o rosto sulcado por rugas que revelam a dura luta pela vida na região decadente, de poucas oportunidades de trabalho.

A prática e o talento inato das tecelãs populares do Jequitinhonha, garantem, contudo, a sobrevivência daquela modesta família e complementam, com o auxílio de Marialva, o pouco, ou quase nada, que Zé Raimundo traz do garimpo.

Marialva aprendera com a mãe o ofício de tecer os belos e admirados tapetes Arraiolo, fabricados em Minas, e conhecidos até no exterior. A moça, iniciando nova jornada de trabalho, apanha os petrechos de tecer, senta-se em um banquinho e começa a trabalhar. Depois diz à mãe:

MARIALVA: Acho que hoje acabo o trabalho, mamãe.

Dona Aparecida, sem tirar os olhos do tapete que está tecendo, responde, com voz cansada:

DONA APARECIDA: Cê tá um pouco atrasada, Marialva. Temos de entregar hoje a encomenda de Diamantina, pra poder pegar outra.

E atacam com mais rapidez o bonito trabalho de tecelagem.

EXTERIOR - ~~PRAÇA DA IGREJA~~ - DATAS - MANHÃ

9. Enquadra-se agora Zé Raimundo atravessando a praça dominada pela bela igreja de Datas. Seguido pela câmera, em Pan-E-D, aproxima-se da casa e venda de "seu" Juca Rezende, visto à porta conversando com o filho, Pedro Rezende, chegado de Belo Horizonte.

10. Câmera detalha, em P.A., o encontro de Zé Raimundo com Pedro e o pai diante da casa comercial:

PEDRO REZENDE: Ôi, Zé Raimundo! Já vai pro Jequitinhonha?

Surpreendido com a presença do jornalista, Zé Raimundo se aproxima, cumprimenta o velho Juca Rezende e abraça cordialmente o amigo de infância:

ZÉ RAIMUNDO: Uai, Pedro! Você por aqui? Quando chegou?

11. Câmera, em Trav.-Avante, vai fixar Pedro e Raimundo em P.P., registrando a conversa dos dois velhos amigos:

PEDRO REZENDE: Cheguei ontem à noite. Estava com saudade dos velhos e desta pachorra do interior. E você? Sempre vasculhando o rio? Tem achado pedra boa?

ZÉ RAIMUNDO: Nada, Pedro. Só cascalho. Mas, se Deus quiser, um dia ainda vou bambur-rar!

PEDRO REZENDE: Bamburra grande você tem em casa, Zé Raimundo: a Marialva e a Glorinha. E como vai seu tesouro?

ZÉ RAIMUNDO: Vão bem, Pedro, graças a Deus.

PEDRO REZENDE: A Marialva tecendo sempre o Arraiolo?

ZÉ RAIMUNDO: Sempre. E fazendo tapetes cada vez mais bonitos. Passa em casa pra ver.

PEDRO REZENDE: Passo sim. E até compro um pra minha casa em Belo Horizonte.

ZÉ RAIMUNDO: E como vai sua esposa? E as crianças?

PEDRO REZENDE: Vão bem, Zé Raimundo, vão bem, obrigado.

ZÉ RAIMUNDO: Bem, vou indo pro rio. Quem sabe um diamante não tá me esperando? Até logo.

PEDRO REZENDE: Vai com Deus.

12. Zé Raimundo se afasta, na direção do rio. Câmera, em Trav.-Avante, enquadra Pedro Rezende e o pai em P.P. Os dois dialogam:

JUCA REZENDE: Coitado. Nunca perde a esperança. Vai envelhecendo, com o sonho de encontrar diamante, ficar rico. E não é só ele, Pedro. É toda a gente da região.

PEDRO REZENDE: Não só aqui, papai. O mal dos brasileiros é sonhar que vai ganhar na loteria, no bingo, no jogo do bicho, na Mega-Sena. Sonha pobre de noite, acorda pobre de dia. E continua sonhando na outra semana, no outro mês.

JUCA REZENDE: E talvez no outro século!

EXTERIOR - GARIMPO NO RIO - DATAS - MANHÃ

13. Zé Raimundo chega ao local onde, no rio Jequitinhonha, ele e Cirino garimpam com a velha draga a bomba.
E conversam os mesmos assuntos de todos os dias:

ZÉ RAIMUNDO: Ôi, Cirino. Tudo bem?

CIRINO: Tudo bem, Zé Raimundo. Isto é, mais ou menos.

ZÉ RAIMUNDO: Mais ou menos? O que aconteceu?

CIRINO: Tive uma discussãozinha com a Tereza. Ela está nervosa, reclama de tudo!

E se põem a trabalhar no leito do rio, sob o sol forte da manhã.

EXTERIOR - ^{FRENTE DA CASA} VENDA DE JUCA REZENDE - MANHÃ

14. Pedro Rezende e o pai, o comerciante Juca Rezende, continuam no mesmo lugar, na praça da igreja.
Conversam em voz baixa, deixando sentir que o assunto é confidencial.
Câmera, em campo e contra-campo, registra o diálogo dos dois:

JUCA REZENDE: E como vão as coisas com a Cleusa, meu filho?

PEDRO REZENDE: Não vão bem, papai. Acho que não vai dar certo. Já estamos falando em separação, divórcio, essas coisas...

JUCA REZENDE: O que aconteceu com vocês Pedro? Vocês se gostavam tanto um do outro! E os filhos? É a parte pior de uma separação, você sabe.

PEDRO REZENDE: É o que mais me preocupa, papai. Ainda são crianças, vão sofrer muito com a separação.

15. Câmera recua, em Trav. e deixa entrar no enquadramento o delegado Altamiro, que se aproxima para comprar alguma coisa na venda.

É conhecido de Juca Rezende, a quem saúda amistosamente:

DELEGADO ALTAMIRO: Bom dia, "seu" Juca. Uai, não sabia que o famoso repórter estava na cidade. Como vai, Pedro?

PEDRO REZENDE: O Pedro vai bem, quanto ao "famoso repórter" vai mais ou menos...

DELEGADO ALTAMIRO: Deve ir também muito bem, pois outro dia vi uma boa reportagem sua na televisão.

PEDRO REZENDE: A reportagem é boa, doutor Altamiro, mas o salário não é tão bom assim.

DELEGADO ALTAMIRO: Isto é modéstia sua. Dizem que a televisão paga muito bem. Quem paga mal é o governo.

PEDRO REZENDE: É só onda, delegado. Quem ganha bem é o Cid Moreira, o Bial, o Renato Machado, o Boris Casoy, o Ratinho.

16. Em novo enquadramento, câmera focaliza Pedro, o comerciante e o delegado Altamiro em P.M.

O delegado dirige-se ao comerciante e pergunta:

DELEGADO ALTAMIRO: O senhor tem fita pra máquina de escrever, "seu" Juca?

JUCA REZENDE: Tenho sim, doutor Altamiro.

PEDRO REZENDE: Máquina de escrever, delegado?... Em tempo de informática?...

DELEGADO ALTAMIRO: Como você vê! O governo está prometendo há um tempão, e nada até hoje. O jeito ainda é a velha Remington, coitada, que está precisando se aposentar!

JUCA REZENDE: Venha ver qual a fita que precisa.

Pedro Rezende aproveita a “deixa” e diz ao pai:

PEDRO REZENDE: Vou dar uma volta na cidade, papai.

JUCA REZENDE: É bom. Assim você vê que a cidade está progredindo. Já tem até parabólica.

DELEGADO ALTAMIRO: Por isso você é tão conhecido aqui, Pedro. Então até logo.

“Seu” Juca e o delegado entram na loja, enquanto Pedro Rezende, mudando de idéia, segue para a casa de Zé Raimundo e Marialva.

SOM - Batidas do sino da igreja.

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUINDO - DIA

17. No interior da casa de Zé Raimundo, câmera detalha, em P.P.P., as mãos de Marialva, tecendo o Arraiolo.

Depois, em Trav-Atrás, abre o campo visual até P.A., fixando Marialva e a mãe em pleno trabalho de tecelagem.

Depois de alguns instantes de silêncio, só rompido pelo ruído do trabalho, dona Aparecida, sem desviar os olhos da paciente tarefa que executa, diz à filha:

DONA APARECIDA: E o Zé, Marialva, ainda fala em ir pra São Paulo?

MARIALVA: De vez em quando fala, mamãe. Diz que estava desanimado com o garimpo.

DONA APARECIDA: Pior que o garimpo, Marialva, é a bobagem de ir pra São Paulo. Besteira grande!

MARIALVA: Eu sei, mamãe. Muita gente daqui vai pra lá, e se arrepende. Muitos não encontram trabalho, comem o pão que o diabo amassou e voltam mais pobres ainda!

Ficam em silêncio. Um silêncio povoado de pensamentos tristes e desesperançados.

18. Câmera inicia lento movimento de aproximação (Zoom ou travelling), até enquadrar Marialva e a mãe em P.P. Dona Aparecida, como se falasse para si mesma, comenta então:

DONA APARECIDA: Foi uma pena, minha filha, ter acabado aquele namoro seu com o filho de "seu" Juca! Dizem que o rapaz está rico, tem casa bonita em Belo Horizonte, enquanto o Zé, coitado!...

MARIALVA: Não fale assim, mamãe! A senhora não diz sempre que "Deus escreve certo por linhas tortas"? Um dia o Zé acerta.

Neste exato momento ouve-se, em off, bater de palmas fora da casa.

SOM - Bater de palmas, em off.

MARIALVA: Deixa que eu atendo, mamãe.

Levanta-se e sai de quadro.

EXTERIOR - FRENTE DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

19. Deixando Pedro Rezende à esquerda do quadro, em P.P., câmera enquadra a frente da casa de Zé Raimundo em P.M.

A porta de entrada se abre, surgindo Marialva do interior da casa.

Surpreendida e, ao mesmo tempo, feliz, reconhece Pedro Rezende, a quem diz, surpreendida:

MARIALVA: Gente! Você por aqui, Pedro?
Quando chegou?

Pedro caminha alguns metros e se aproxima de Marialva, enquanto responde:

PEDRO REZENDE: Cheguei ontem, Marialva.
Como vai?

MARIALVA: Vou bem, Pedro, graças a Deus.
Mas, por favor, vamos entrar!

PEDRO REZENDE: Obrigado, Marialva. Só passei para dar um alô e saber como vão indo, você.
a Glorinha, sua mãe. Estive com o Zé Raimundo,

quando ia pro garimpo. Está tudo jóia?

20. P.P. de Marialva, respondendo, com certa ironia:

MARIALVA: Jóia nada, bijuteria!

Pedro esboça um sorriso, enquanto Marialva continua, insistente:

MARIALVA: Mas não fique parado aí, Pedro!
Entre, ao menos pra tomar um cafezinho.

21. P.P. de Pedro Rezende, respondendo:

PEDRO REZENDE: Só entro se, com o cafezinho, você fizer aquele pão-de-queijo que ninguém faz melhor do que você!

22. (como no nº 20): P.P. de Marialva:

MARIALVA: Está bem, prometido: café e pão-de-queijo.

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUNDO - SALA - DIA

23. Instalada na pequena e modesta sala de visitas da casa de Zé Raimundo, câmera focaliza Marialva e Pedro Rezende. Os dois, enquadrados em P.M., vão sentar-se num sofá de palhinha, onde conversam:

PEDRO REZENDE: E a Glorinha? Estou com saudades dela. Deve estar linda e crescida, não é?

MARIALVA: Está uma mocinha, esperta, alegre, muito bonitinha.

Câmera inicia lento Trav-Avante, até enquadrar Pedro e Marialva em P.P.

PEDRO REZENDE: Com a mãe bonita que tem! Ela gosta de estudar, Marialva?

MARIALVA: Não gosta muito não. Gosta mesmo é de brincar, batear no rio, fazer travessuras com o "Bilito".

PEDRO REZENDE: "Bilito"?...

MARIALVA: É o nome do cachorro que o Zé deu pra ela quando completou sete anos.

PEDRO REZENDE: Ela está mesmo com quantos anos?

MARIALVA: Já fez nove.

PEDRO REZENDE: E já bateia no rio? Outra garimpeira na família?

24. Campo: Pedro à esquerda, de perfil, com Marialva de frente, ligeiramente à direita.

Marialva, com um terno sorriso, responde:

MARIALVA: O pai fez uma bateia pequena pra ela se divertir no rio. Ela diz que ainda vai achar "um bruto diamante" no Jequitinhonha!...

25. Contra-campo: Marialva de perfil, à direita, com Pedro de frente, à esquerda:

PEDRO REZENDE: O Zé já achou os diamantes mais bonitos do mundo: você e a Glorinha...

26. Campo (como no plano 18).

Marialva, meio encabulada, responde com doçura e simplicidade:

MARIALVA: Bondade sua, Pedro...

Depois, lembrando-se do café e do pão-de-queijo, exclama:

MARIALVA: Ih, gente! Ia me esquecendo do cafezinho. Desculpe. Vou buscar.

27. P.M. da sala, mostrando Marialva que se afasta, enquanto a câmera, em lento Trav-Avante, vai enquadrar Pedro Rezende em P.P. e depois em P.P.P., iniciando um "flash-back" do filme.

SOM: Ruído de bomba de draga, subindo, meio distorcido.

SEQÜÊNCIA 2 (FLASH-BACK)

EXTERIOR - ^{GARIMPO} MARGEM DO RIO JEQUITINHONHA - DIA

28. Abrindo a seqüência de "flash-back", câmera focaliza, em P.G., o rio Jequitinhonha.

O plano será realizado com efeito especial, sugerindo um retorno retrospectivo no tempo. Inicialmente desfocada, pouco a pouco a imagem adquirirá nitidez normal, mostrando um belo trecho do Jequitinhonha, símbolo da sofrida região de Minas Gerais.

Câmera, através de panorâmica direita-esquerda, mostra, caminhando na margem do rio, Pedro Rezende e Marialva, adolescentes ainda (*trabalho especial de maquiagem, com roupa usada à época*).

Os dois caminham de mãos dadas, lentamente, ouvindo, em segundo-plano sonoro, o ruído de uma draga, que aparece no enquadramento.

SOM - Música romântica, de serenata.

29. Enquadrando em P.A. Pedro Rezende e Marialva, câmera os acompanha em Trav.-Atrás, registrando o diálogo singelo de namorados:

PEDRO REZENDE: Não fique triste, Marialva. Vou estudar em Belo Horizonte, mas venho sempre a Datas, ver meus pais, os amigos, você...

MARIALVA: Belo Horizonte tem moças lindas, Pedro... Você vai se esquecer de mim, caipira do interior...

PEDRO REZENDE: Não há moça linda de Belo Horizonte que me faça esquecer de você, Marialva!

Pedro, num gesto mais audacioso, enlaça Marialva, olhando-a com amor e ternura. Depois completa:

PEDRO REZENDE: Gosto muito de você... Crescemos juntos, brincamos juntos, como vou me esquecer de você?

De repente, num arroubo romântico e audacioso, Pedro atrai Marialva para si e a beija na boca, demoradamente.

SOM - Sobe música romântica.

Marialva deixa-se beijar, por alguns instantes. Mas depois, assustada, afasta-se de Pedro e diz:

MARIALVA: Não, Pedro, alguém pode ver! Olha lá aquele garimpeiro. Depois começam a falar...

PEDRO REZENDE: E que tem isto? Deixa falar, boba! A gente não vai se casar?

A imagem dos dois, na margem do rio, começa a desfocar-se, enquanto na trilha sonora, juntamente com o ruído da draga, que cresce, também se ouve, distorcida, a voz de Pedro Rezende, repetindo:

PEDRO REZENDE (voz off, distorcida):
A gente não vai se casar? A gente não vai se casar... não vai se casar?...

A seqüência retrospectiva termina quando, na trilha sonora, em timbre normal, ouve-se a voz de Marialva, que reaparece com o café e o pão-de-queijo:

MARIALVA (voz off, normal): Pronto, aqui está o café com pão-de-queijo...

SEQÜÊNCIA 3

EXTERIOR - GARIMPO - DATAS - DIA

30. Câmera enquadra Zé Raimundo em P.M.L., aproximando-se de Quirino, que trabalha com a pequena draga de garimpagem.

Ao fundo, o rio, com suas águas barrentas e, como uma impressionante moldura, a montanha granítica da região.

Câmera, em Trav.-Avante, focaliza os dois garimpeiros em P.P.

Zé Raimundo, alçando um pouco a voz por causa do barulho da bomba, diz ao amigo:

ZÉ RAIMUNDO: O Pedro Rezende chegou na cidade. Está meio envelhecido, o ar preocupado.

QUIRINO: É um repórter conhecido. Não está esnobando?

ZÉ RAIMUNDO: Está não. Continua simples, muito apegado à cidade onde nasceu.

QUIRINO: Ele não foi namorado da Marialva?

ZÉ RAIMUNDO: Foi, há muito tempo.

Raimundo faz qualquer coisa na draga e depois continua:

ZÉ RAIMUNDO: Você sabe, Quirino, que ainda tenho um pouco de ciúme do Pedro?

QUIRINO: Que bobagem, Zé! Foi namoro de criança. A Marialva é doida por você! Que ciúme é este? É até falta de respeito por ela!

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUNDO - SALA - DIA

31. Enquadram-se, em P.P., Pedro Rezende e Marialva, na sala.

O jornalista apanha outro pão-de-queijo, que Marialva lhe estende. Come um pedaço e depois comenta:

MARIALVA: Ninguém cozinha como você, Marialva!

32. Em novo enquadramento, câmera favorece Marialva em P.P., com Pedro à esquerda, de perfil.

Marialva, com timidez, responde e depois pergunta:

MARIALVA: Bondade sua! E a Cleusa, não cozinha bem?...

PEDRO REZENDE: A Cleusa? Não sabe nem esquentar café! É uma dondoca, Marialva. Vive no cabeleireiro, nos chazinhos e no pôquer com as amigas.

Câmera recua, até P.A. Depois de um curto silêncio, Marialva, um pouco hesitante, pergunta:

MARIALVA: Você não é feliz, Pedro? Acho você um pouco tristonho...

PEDRO REZENDE: Não sou feliz não, Marialva. Meu casamento fracassou. Só continuo com

a Cleusa por causa dos filhos. Estou pensando em trabalhar na Europa, ou nos Estados Unidos.

33. P.P. de Pedro, olhando fixamente Marialva nos olhos, e dizendo:

PEDRO REZENDE: Uma coisa eu sei Marialva: eu seria feliz é com você...

Câmera recua, em Trav., abrindo o quadro até P.M. e mostrando dona Aparecida, que chega do fundo da casa, surpreendendo-se ao ver Pedro Rezende:

DONA APARECIDA: Gente?! Então é você, Pedro? Pensei que fosse outra pessoa. Está de de novo na terra?

Pedro Rezende levanta-se, aperta a mão que dona Aparecida lhe estende e depois a beija no rosto. E explica:

PEDRO REZENDE: Vim matar saudades. Da terra, dos pais, dos amigos, de vocês. E, para aproveitar a viagem, quero comprar outro Arraiolo que vocês tecem tão bem!

DONA APARECIDA: Vou buscar alguns deles pra você escolher.

Depois que a mãe se afasta, câmera inicia Trav-Avante e vai enquadrar Marialva em P.P., os olhos baixos, o rosto exprimindo tristeza e ternura. Sobre a imagem do belo rosto de Marialva, inicia-se lenta

F U S Ã O

EXTERIOR - POSTO DE SAÚDE - DIA

34. Pela rua do Posto de Saúde de Datas vêm vindo Glorinha e outra menina, sua coleguinha e amiga Maria do Carmo. Estão voltando da Escola, enquadradas pela objetiva em P.G.

Câmera segue-as em Pan.D-E até diante da porta de entrada do Posto, diante da qual se encontra a médica pediatra Isolda, que lhes fala:

DOUTORA ISOLDA: Ôi, meninas. Venham aqui. Quero examinar vocês duas no consultório.

35. Em nosa angulação, câmera focaliza Glorinha, Maria do Carmo e a médica em P.A.

As meninas se aproximam da pediatra que coloca a mão no ombro de Glorinha e, carinhosamente, lhe fala:

DOUTORA ISOLDA: Preciso fazer exames periódicos nos alunos do Grupo. Venham comigo.

As três entram no Posto, ouvindo-se na trilha sonora, antecipada, solo romântico de violão.

ESCURECIMENTO

SEQÜÊNCIA 4

EXTERIOR - RUA DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - NOITE

36. Enquadra-se, em P.G., a rua onde moram Zé Raimundo e Marialva. Por ela vem vindo, lançando sombras na fachada das casas, alguém tocando violão.

O vulto aproxima-se da objetiva, até ficar em P.A., identificado como o próprio Zé Raimundo, que continua a tocar violão, aproximando-se de sua casa. Câmera o segue, em Pan-E-D., até mostrá-lo a poucos passos da residência.

37. Em novo enquadramento, câmera focaliza Zé Raimundo em P.P., no instante em que começa a entoar uma canção romântica de seresteiro, acompanhando-se ao violão.

SOM:- Música de serenata.

Câmera faz panorâmica-circular e, no final, enquadra o seresteiro à esquerda do quadro, em P.A., e, ao fundo e à direita, em P.M., a modesta casa onde reside com Marialva e Glorinha.

SOM - Canção romântica entoada pelo seresteiro, com acompanhamento de violão.

38. Depois de focalizar a casa em P.M., câmera inicia lento Trav-Avante, centralizando uma das janelas da casa.

A janela se abre, deixando ver Marialva e Glorinha, abraçadas, sorrindo, olhando na direção de Zé Raimundo, cantando com empolgação.

SOM - Serenata em off.

O "travelling" termina quando a objetiva estiver enquadrando Marialva e Glorinha em P.P., ouvindo, felizes, a serenata-surpresa do pai.

Encantada com a serenata, Marialva, a certa altura, abraça Glorinha e lhe diz, baixinho:

MARIALVA: Seu pai tem voz bonita, não acha Glorinha?

GLORINHA: Mais bonita do que a do Roberto Carlos!

SOM - Serenata em off.

39. P.P. de Zé Raimundo, terminando a serenata, olhando apaixonadamente para as pessoas que mais ama no mundo.

Terminando de cantar, Zé Raimundo caminha na direção de sua casa, saindo de quadro pela esquerda

40. P.A. de parte da fachada da casa, favorecendo a janela onde Marialva e Glorinha observam Zé Raimundo, que entra no quadro pela direita, aproxima-se da janela e beija a mulher e a filha, dizendo:

ZÉ RAIMUNDO: Então, gostaram?

MARIALVA: Adoramos!

GLORINHA: Canta outra música, papai!

INTERIOR - ~~SALA DA~~ CASA DE ZÉ RAIMUNDO - NOITE

41. Instalada no interior da casa de Zé Raimundo, câmara enquadra, ligeiramente de perfil, à esquerda e em P.P., Marialva e Glorinha e, à direita, o seresteiro que finge iniciar outra música, mas em vez de cantar, diz à filha:

ZÉ RAIMUNDO: Não, Glorinha. Chega de cantoria, senão acordo toda a cidade. Amanhã cedo você tem Escola. Vai pra cama, menina.

Zé Raimundo sai de quadro, pela esquerda, abre a porta e a fecha, já no interior de casa. Glorinha pula no colo do pai, que a beija carinhosamente.

Depois a menina vai correndo para o quarto, enquanto Zé Raimundo abraça Marialva e os dois, por sua vez, vão para o seu.

INTERIOR - ^{CASA} QUARTO DE ZÉ RAIMUNDO - NOITE

42. Instalada no quarto de dormir de Zé Raimundo, câmera focaliza, em P.M., Marialva que se estende na cama de casal, enquanto o garimpeiro veste o pijama e, por sua vez, vai deitar-se, abraçando a mulher.

Mas, neste instante, a porta se abre e surge a filha, Glorinha, que pula na cama dos pais, pedindo:

GLORINHA: Deixem eu dormir aqui com vocês?

ZÉ RAIMUNDO: Se você ficar quietinha, deixo, Glorinha.

A menina fica entre os dois, que a abraçam, enquanto câmera faz Trav-Avante, até enquadrar os três em P.P.

ESCURECIMENTO

SEQÜÊNCIA 5

EXTERIOR - RUA DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - MANHÃ

43. Câmera equadra parte da rua e a casa de Zé Raimundo em P.G.

O garimpeiro, Marialva e Glorinha estão iniciando nova jornada de trabalho e de estudo. A primeira a partir, com o uniforme, a mochila e a merendeira, é Glorinha, que recebe um beijo dos pais e toma o caminho da escola.

Depois é a vez de Zé Raimundo, que vai com seus petrechos para o rio, tomando um caminho oposto ao da filha.

Marialva, por último, volta ao interior da casa, fechando a porta de entrada.

EXTERIOR - CAMINHO PARA A ESCOLA - MANHÃ

44. Por um caminho de terra, um pouco afastado da cidade, que se vê ao fundo, câmera focaliza, de frente, Glorinha, aproximando-se da escola.

Enquadrada em P.A., câmera recua, em "travelling", mostrando a menina com o rosto feliz e alegre.

Depois de acompanhá-la em Trav-Atrás, câmera interrompe o movimento e, através de Pan-E-D, focaliza Glorinha aproximando-se da

escola, por uma trilha de terra. Outras alunas também estão chegando, alegres, gritando, como de hábito.

SOM - Gritos e risos de crianças.

EXTERIOR - GARIMPO NO JEQUITINHONHA - MANHÃ

45. Depois de fixar, em detalhe, as mãos e os instrumentos de garimpo, que Zé Raimundo utiliza no Jequitinhonha, câmera recua, em Trav., e faz panorâmica de correção, abrindo o quadro até P.M., detalhando parte do rio, a draga e, mais ao fundo, Quirino ao trabalho.

SOM - Ruídos da bomba da draga e do rio.

INTERIOR - ~~CÔMODO NA~~ CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

46. Marialva e dona Aparecida, focalizadas em P.P., estão em pleno trabalho, tecendo o tapete Arraiolo. Estão caladas e compenetradas, deixando perceber alguma coisa que as aborrece.

A primeira a falar é Marialva, que diz à mãe:

MARIALVA: Será que "seu" Monteiro paga hoje a encomenda, mamãe? Estamos sem dinheiro.

DONA APARECIDA: "Seu" Monteiro é meio tratante, não sei se vai pagar. O Quirino não podia emprestar algum dinheiro a vocês?

MARIALVA: Acho que ele também está meio "quebrado", mamãe.

Dona Aparecida interrompe a tecelagem e, olhando fixamente a filha, cria coragem e comenta:

DONA APARECIDA: O Zé devia procurar trabalho, Marialva. "Seu" Juca não ofereceu um lugar pra ele na venda? E por quê não trabalha na roça, como os outros?

MARIALVA: O Zé detesta ficar atrás de um odeia enxada, prefere passar fome do que capinar...

DONA APARECIDA: Pelo menos teria um dinheirinho certo, todo mês, não sacrificaria vocês.

Câmera avança em Trav. e vai enquadrar Marialva em P.P., o semblante exprimindo tristeza e preocupação, e que responde à mãe, sem encará-la:

MARIALVA: Está difícil viver assim, mamãe! O Zé é teimoso, tem um orgulho bobo e orgulho em pobre é fome na certa!

De repente começa a chorar, deixando as lágrimas caírem sobre o tapete que está tecendo.

Dona Aparecida, vendo a filha chorar, pára o trabalho e aconselha:

DONA APARECIDA: Não chore, minha filha. Reze, peça a proteção de Nossa Senhora. As coisas vão melhorar.

INTERIOR - CASA DE JUCA REZENDE - DIA

47. Na sala de visitas, no interior da residência do comerciante Juca Rezende, perto da igreja de Datas, câmera focaliza Pedro Rezende ao telefone.

Fixado inicialmente em P.A., câmera, em Trav.-Avante, vai enquadrar o jornalista em P.P., dizendo, irritadamente:

PEDRO REZENDE: Pois então faça o que quiser, Cleusa! Contrate advogado, inicie logo o processo na justiça! Mas uma coisa eu te digo: vou brigar pelos filhos! Não vai ser tão fácil assim!

48. Em outra angulação, câmera deixa Pedro Rezende à esquerda do quadro, em P.A., mostrando, ao fundo, a porta de entrada na sala, pela qual surge, com a fisionomia séria, o pai do jornalista.

O comerciante fica parado junto à porta, ouvindo a réplica raivosa do filho, que, exaltadamente, retruca à mulher, que o escuta em Belo Horizonte:

PEDRO REZENDE: Você não está sendo razoável, Cleusa! Tem pretensões absurdas, exigências que não posso aceitar!

Ouve mais alguns instantes, e depois termina a ligação, exaltado:

PEDRO REZENDE: Está bem, está bem!
Amanhã vou para aí, a gente resolve a situação!

E bate o fone, transtornado.

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 6

EXTERIOR - GARIMPO NO JEQUITINHONHA - DIA

49. No garimpo do rio Jequitinhonha, Zé Raimundo prepara-se para o almoço. O velho relógio de pulso marca meio-dia e dez minutos.

Zé senta-se num morrinho, perto da praia de areia, retira a tampa da marmitta e começa a comer a comida preparada por Marialva. Ao lado dele, Quirino faz o mesmo e, a certa altura, diz ao companheiro:

QUIRINO: Não sei não, Zé, acho que não dá mais no garimpo. As dragas das mineradoras estão sugando a riqueza do rio. Estou até pensando em vender a bomba e tentar a vida em Belo Horizonte, ou São Paulo.

ZÉ RAIMUNDO: Pensei nisto também, Quirino, mas a Marialva me desanimou. Disse que o irmão dela foi pra lá, não arranhou nada, passou até fome. A cidade está cheia de nordestinos, desesperados, alguns até pedindo esmola.

QUIRINO: E aqui, cê acha que está melhor? Quem não tem pensão do INSS só falta pedir esmola também!

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

50. Focaliza-se o cômodo onde trabalham, na casa de Zé Raimundo, Marialva e sua mãe, tecendo o Arraiolo.

Marialva, pela terceira ou quarta vez, espia o velho relógio de parede, marcando meio-dia e trinta e, com meio preocupada, comenta para a mãe:

MARIALVA: Glorinha já devia ter chegado, mamãe.

Levanta-se da cadeira e deixa a sala onde trabalha.

EXTERIOR - RUA DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA.

51. P.P. e depois P.G. da casa e rua onde moram Zé Raimundo e sua família.

Depois de enquadrar a casa, câmera aciona a lente Zoom e abre o quadro até P.G., fixando Marialva que abre a porta de entrada e ganha a rua, olhando na direção por onde Glorinha sempre chega da escola.

A rua está vazia. Depois de alguns instantes, retorna ao interior da casa, seguida pela câmera, que faz Pan-E-D.

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

52. Marialva retorna ao cômodo onde trabalha com a mãe. Apanha o material e inicia a tecelagem. Mas, pouco depois volta a consultar o relógio e, intranquã, diz à mãe:

MARIALVA: A Glorinha nunca se atrasa, mamãe. Vou dar um pulo na escola.

Deixa o cômodo, seguida pela câmera em Pan.E-D., atravessa a sala de visitas e chega à rua.

EXTERIOR - GRUPO ESCOLAR DE DATAS - DIA

53. P.G. da escola primária onde estuda Glorinha. Marialva entra no quadro, pela direita, e se aproxima da prédio, no instante em que a professora, dona Emília, está saindo.

Marialva vai ao seu encontro e a interroga.

54. P.A. de Marialva e a professora, que dialogam:

MARIALVA: Bom dia, dona Emília. Vim aqui porque Glorinha ainda não chegou em casa. Ela saiu mais cedo da aula?

PROFESSORA: Não, Marialva. Chegou direitinho, acompanhou as aulas, esteve no recreio e depois foi pra casa.

MARIALVA: A senhora sabe se voltou com alguma colega?

PROFESSORA: Acho que não, pois a Maria do Carmo, que vai sempre com ela, veio conversar comigo sobre o dever.

MARIALVA: Está bem, dona Emília. Vou ver se está na casa de alguma coleguinha. Obrigada.

E se afasta, apressadamente, mais preocupada ainda.

INTERIOR - VENDA DE JUCA REZENDE - DIA

55. No interior da casa comercial de "seu" Juca, Pedro Rezende se prepara para regressar a Belo Horizonte.

Com uma pequena mala, o jornalista deixa o interior da venda e, na calçada, conversa com o pai.

EXTERIOR - FRENTE DA VENDA - DIA

56. Em movimento de "raccord", Pedro e o pai chegam à calçada da casa comercial e conversam, enquadrados em P.P.

PEDRO REZENDE: Chegando a Belo Horizonte, vou conversar com o Lustosa, que é meu amigo e um bom advogado. Vou lutar por meus direitos, papai.

JUCA REZENDE: Mas vai com calma, meu filho. Não perca as estribeiras, que é pior... Pense sempre nos filhos.

O diálogo é interrompido quando avistam Marialva, muito nervosa, caminhando na direção do rio.

Pedro dá dois passos e a chama:

PEDRO REZENDE: Uai, Marialva, o que aconteceu? Está com tanta pressa?!

Marialva se aproxima e explica, o rosto exprimindo susto e tensão:

MARIALVA: A Glorinha não chegou até agora da escola! Vou chamar o Zé Raimundo.

PEDRO REZENDE: Não foi à casa de alguma colega?

MARIALVA: Fui à casa de várias delas, e ninguém sabe de nada. Já estou ficando assustada, Pedro!

E se afasta, na direção do rio, sem ao menos despedir-se. Pedro a observa se afastando por alguns instantes e depois fala ao pai:

PEDRO REZENDE: Ela está angustiada, papai. Vou esperar sua volta com o Zé Raimundo.

EXTERIOR - GARIMPO DO RIO - DIA

57. P.G. do rio e do local onde Zé Raimundo trabalha, vendo-se Marialva que dá a notícia do desaparecimento de Glorinha. O forte ruído da bomba da draga impede que se ouça o diálogo dos dois.

SOM - Ruído forte da bomba da draga.

Zé Raimundo se aproxima de Quirino e avisa que vai com Marialva.

58. Em nova angulação, câmera deixa parte do rio e de sua margem no quadro e focaliza Marialva e o marido que se afastam, na direção da cidade.

EXTERIOR - VENDA DE JUCA REZENDE - DIA

59. Em posição estratégica, câmera focaliza a rua que leva ao rio, pela qual estão vindo Marialva e Zé Raimundo, e, na esquina, a casa comercial de "seu" Juca Rezende.

Diante dela ainda estão o jornalista e o comerciante, que observam a chegada do casal e vão ao seu encontro.

60. P.A. de Zé, Marialva, Pedro e "seu" Juca Rezende. Pedro Rezende dirige-se ao casal e sugere:

PEDRO REZENDE: Vamos à Delegacia, Zé. O delegado pode ajudar.

ZÉ RAIMUNDO: Esquisito, não é, Pedro?
Pedro volta-se para o pai e avisa:

PEDRO REZENDE: Vou com eles, papai.

JUCA REZENDE: Então não viaja para Belo Horizonte?

PEDRO REZENDE: Não, papai. Fico aqui até Glorinha aparecer. Se a Cleusa telefonar diz que ligo mais tarde.

Os três se afastam, seguidos pela câmera que recua em "travelling" e, através de panorâmica, focaliza o grupo que se encaminha para a Delegacia.

INTERIOR - DELEGACIA DE DATAS - DIA

61. No gabinete da Delegacia, câmera enquadra Zé Raimundo, Marialva, Pedro e doutor Altamiro, conversando sobre o desaparecimento de Glorinha.

Pelo relógio fixado na parede da repartição, verifica-se que são 3 horas da tarde.

Marialva não disfarça sua grande inquietação, ouvindo as perguntas do delegado:

DELEGADO ALTAMIRO: Procurou na escola, na casa das colegas da menina?

MARIALVA: Procurei, doutor Altamiro. Ninguém sabe informar nada.

DELEGADO ALTAMIRO: Alguém falou sobre o caminho que ela tomou, voltando pra casa?

MARIALVA: Parece que veio por um atalho, pra encurtar caminho.

O delegado chama dois detetives e determina:

DELEGADO ALTAMIRO: Rubens e Tenório, venham comigo.

Depois diz a Marialva, Zé Raimundo e Pedro Rezende:

DELEGADO ALTAMIRO: Vamos até a escola e, de lá, percorremos os caminhos que a menina pode ter feito.

E saem, apressadamente.

SEQÜÊNCIA 7

E ARREDORE

EXTERIORES DIVERSOS - DATAS - DIA E TARDE

62 a 73. Os próximos plano abrem uma nova seqüência mostrando em "flashes" fixados em diferentes locais, as buscas realizadas pelo delegado, os detetives, Pedro Rezende, Marialva e Zé Raimundo nas imediações da escola, nos caminhos e ruas seguidos normalmente por Glorinha.

O grupo se divide: o delegado, Pedro e um detetive seguem por uma determinada direção, enquanto Zé Raimundo, Marialva e outro detetive seguem por outra.

Serão "flashes" de curta duração, mostrando os dois grupos que investigam por diferentes locais, fazem perguntas a moradores, vasculham nos matagais e periferia da cidade.

A certa altura, perto de uma trilha mais afastada, o delegado vai observar a margem de um riacho. Depois se aproxima de Pedro e do detetive Rubens, enquadrados em P.P., comentando, intranquilo:

*Bilica
vai
junto*

DELEGADO ALTAMIRO: Estou achando estranho esse sumiço da menina!

O detetive aproveita para perguntar:

DETETIVE RUBENS: Não está parecendo que é um seqüestro, doutor Altamiro?

DELEGADO ALTAMIRO: Seqüestro?! Ficou doido, Rubens? O Zé Raimundo não tem onde cair morto! O seqüestrador iria pedir resgate a um garimpeiro sem eira, nem beira?! Hipótese absurda, Rubens!

Depois de focalizar o grupo em P.M., câmara inicia Trav-Avante e vai enquadrar Pedro Rezende em P.A., meio afastado. Pedro se aproxima do delegado e lhe fala, com a fisionomia exprimindo temor:

PEDRO REZENDE: Estou pensando numa coisa pior do que seqüestro, doutor Altamiro.

O movimento de aproximação, por "travelling", prossegue até enquadrar Pedro Rezende em P.P.:

PEDRO REZENDE: E se foi um tarado sexual, um degenerado que raptou a menina para estuprá-la? Isto acontece...

Câmera faz Pan-E-D e vai enquadrar o delegado também em P.P., a fisionímia pensativa, ouvindo a observação de Pedro, fora de quadro, e que continua:

PEDRO REZENDE (voz off): ... muito, no Brasil, em toda parte!

Há uma pequena pausa, uma pausa de assustada reflexão sobre a terrível hipótese formulada pelo jornalista. Pouco depois o delegado concorda, também preocupado:

DELEGADO ALTAMIRO: Sim, isto é possível, Pedro! Infelizmente é possível!

74. P.A. do delegado, Pedro Rezende e o detetive Rubens, atemorizados com a assustadora possibilidade de rapto e estupro de Glorinha.

O detetive Rubens volta-se para o delegado e opina com a voz grave, meio emocionada:

DETETIVE RUBENS: Muitos depravados arrastam meninos e meninas para um local ermo, satisfazem seus baixos instintos e depois os matam, pra não serem identificados!

DELEGADO ALTAMIRO: É verdade, Rubens, desgraçadamente é verdade!

Pedro Rezende aproxima-se do delegado e lhe fala, baixando o tom da voz:

PEDRO REZENDE: É melhor não se falar com ninguém sobre isto, principalmente com Zé Raimundo e Marialva

DELEGADO ALTAMIRO: Está certo, Pedro. Vamos guardar sigilo e mudar o rumo das investigações.

EXTERIORES DIVERSOS - DATAS - DIA

E ATRÉDOR

75 a 82. Uma nova série de planos, ou de "flashes" de curta duração, mostrará o grupo do delegado, acrescido de outros integrantes da Delegacia, vasculhando recantos diversos num perímetro maior em torno da cidade de Datas, como macegas, matagais, grotões, margens de riachos, matas fechadas, capinzal e plantações.

*Um do planos mostra o cas B. lico
deitar no canal um falo e ao fundo
SOM - Ruídos ambientais e, ao fundo,
sino da igreja-matriz.*

INTERIOR - IGREJA-MATRIZ - TARDE

*tristeza
pelo suicídio
de Glorinha*

83. Focaliza-se Marialva no confessionário da igreja-matriz de Datas. O enquadramento inicial mostra a tecelã em P.G., ajoelhada ao confessionário, com parte da bela igreja servindo de moldura.

Câmera inicia lento Trav-Avante, até fixar Marialva em P.P., confessando-se ao pároco, padre Arnaldo, com voz sussurrada:

MARIALVA: Estou desesperada, padre Arnaldo! Acho que Deus me castigou.

PADRE ARNALDO (voz off): Não, minha filha, Deus não castigou você, que é uma moça cristã, trabalhadora, boa mãe, boa esposa.

84. Instalada no interior do confessionário, câmera enquadra padre Arnaldo em P.P. à direita, de perfil, ouvindo a confissão de Marialva, delineada através da tela perfurada, respondendo ao pároco:

MARIALVA: Não sei como isto aconteceu, padre Arnaldo! Glorinha é a coisa que mais amo na vida, e desaparece desse jeito!

PADRE ARNALDO: Tenha fé e reze, minha filha! Faça uma promessa a Nossa Senhora da Conceição, ela vai te ajudar!

MARIALVA: Faço agora, padre Arnaldo, e o senhor é testemunha: se Glorinha aparecer, sã e salva, mando celebrar missa e caminho de

joelhos na igreja até o altar de Nossa Senhora da Conceição. Juro por Nosso Senhor Jesus Cristo, padre Arnaldo!

EXTERIOR - PRAÇA DA IGREJA - TARDE

85. P.G. da praça da igreja, vendo-se o delegado, Pedro Rezende, Zé Raimundo e os detetives que estiveram procurando Glorinha.

Marialva surge no alto da escadaria da igreja e, vendo o marido e o grupo, vai depressa ao seu encontro, muito aflita.

86. Em "raccord" de movimento, câmera, de outro ângulo, focaliza Marialva, em P.A., aproximando-se do marido e perguntando, muito aflita:

MARIALVA: Então, Zé: alguma notícia?

Zé Raimundo, desanimado, abraça a mulher e responde:

ZÉ RAIMUNDO: Nada ainda, Marialva, mas, se Deus quiser, ela vai aparecer! Você vai ver! Deus é grande!

Marialva começa então a chorar, abraçada ao marido.

87. Meio afastados de Marialva e Zé Raimundo, o delegado, Pedro Rezende e dois detetives trocam idéias. Aproxima-se dos dois, apressadamente, o escrivão Marcílio, dizendo:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: O Rogério, que trabalha no Posto de Saúde, disse que ontem a doutora Isolda esteve examinando a Glorinha e outras alunas da escola.

DELEGADO ALTAMIRO: Seria bom conversar com a médica, Marcílio.

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Fui ao Posto, doutor Altamiro, para fazer com ela. Mas lá me informaram que ela viajou pra Gouveia.

88. P.P. do delegado e do escrivão. Mais ao fundo Pedro Rezende conversa com Zé Raimundo e Marialva.

Marcílio, falando em tom de voz mais baixo, comenta para o delegado:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Acho muito esquisitos esses sumiços da médica, doutor Altamiro! Fica uns dias em Datas, depois vai pra Guinda, Mendanha, Gouveia...

O delegado, meio irritado, retruca ao funcionário:

DELEGADO ALTAMIRO: Uai, Marcílio! Está querendo dizer que a médica seqüestrou a menina?! Que tolice, homem!

A réplica do delegado embaraça o escrivão, que responde:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Não é bem isso, doutor... Mas, acho meio esquisito!

O delegado, agora francamente hostil, responde rispidamente ao funcionário:

DELEGADO ALTAMIR: Você não sabe, Marcílio, que a doutora Isolda percorre o Alto Jequitinhonha dando consultas gratuitas às crianças pobres?!

89. P.M. dos dois grupos liderados pelo delegado. Zé Raimundo e Marialva são vistos entrando na igreja, enquanto Pedro Rezende se aproxima de Altamiro.

90. P.P. do delegado, do escrivão e de Pedro Rezende que, parando ao lado de Altamiro, lhe fala, contristado:

PEDRO REZENDE: A Marialva está desesperada! Acho que o caso é muito sério!

DELEGADO ALTAMIRO: Estamos fazendo todo o possível para encontrar a menina, Pedro Rezende. Também estou abespinhado com o fato!

PEDRO REZENDE: Me diga uma coisa, doutor Altamiro: quando foi que desapareceu aquele menino de Mendanha?

DELEGADO ALTAMIRO: Não me lembro bem, mas acho que foi há algum tempo.

91. Câmera faz Trav-Atrás, abre o quadro até P.A. do grupo, mostrando o detetive Rubens que se aproxima do delegado e esclarece:

DETETIVE RUBENS: Foi há uns 20 dias atrás, doutor delegado. Meu tio Agripino, que mora em Mendanha, é amigo do pai do menino que sumiu e nunca mais foi encontrado.

É quando outro detetive, o Edmir, um negro alto e espadaudo, de grandes bigodes, intervém, para informar com voz gutural:

DETETIVE EDMIR: E não foi só ele que desapareceu, doutor Altamiro. Também sumiu uma menina em Guinda, e outra em Rio Manso.

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Rio Manso não, Edmir. A cidade agora se chama Couto de Magalhães.

DELEGADO ALTAMIRO: O nome não importa! O importante é o fato da Glorinha ser a quarta criança a desaparecer nesta região. Isto me deixa muito intrigado.

PEDRO REZENDE: Se o senhor não se importar, doutor Altamiro, gostaria de fazer uma investigação em Mendanha, Guinda e Rio Manso. Investigação jornalística, bem claro.

DELEGADO ALTAMIRO: Acho muito bom isto, Pedro. Certos jornalistas, como você, têm um atilado faro policial. Quer que destaque um detetive para ir junto?

PEDRO REZENDE: Não precisa, doutor Altamiro. Assim o senhor, continua as investigações com seu pessoal, que é muito competente.

Ouve-se, neste instante, a voz off de "seu" Juca Rezende, chamando o filho:

JUCA REZENDE (voz off): Pedro... Telefone para você, meu filho.

PEDRO REZENDE: Com licença. Mais tarde passo na delegacia. Até logo.

E se afasta, saindo de quadro na direção da casa comercial do pai.
O delegado e sua turma atravessam a praça, conversando, a caminho da delegacia.

SOM - Entra, antecipando-se às imagens, o ruído de carro rodando na estrada.

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 8

EXTERIORES - MENDANHA E GUINDA - DIA

92 a 105. Nova série de planos focalizará Pedro Rezende viajando, inicialmente, em seu carro, para o distrito de Mendanha, revelando a paisagem montanhosa da região; o rio Jequitinhonha, onde são vistos garimpeiros e dragas em pleno trabalho de mineração, e, finalmente, o pobre e solitário lugarejo com suas casas pobres, erguidas em ruas tortuosas e íngremes, com sua população rarefeita e poucas crianças brincando.

Algumas "tomadas" serão "flashes" de curta duração, outras mostrarão o jornalista conversando com moradores que avista nas ruelas, ou conversando com outros que, da janela, o observavam com seus tristes e apáticos olhos.

SOM - Ruídos ambientais, gritos de crianças, música incidental de efeito dramático.

106. Num recanto de Mendanha, Pedro se aproxima de um velho morador, na janela de um casebre, e com ele inicia um diálogo, enquadrados em P.A.

PEDRO REZENDE: Bom dia.

MORADOR VELHO: Dia...

PEDRO REZENDE: Me diga uma coisa, amigo: o senhor conhece a família do menino que desapareceu mais ou menos um mês atrás?

MORADOR VELHO: Conheço sim. É o Lui-

zinho, filho do Chico Fortunado, que trabalha na roça. Mas, por quê tá perguntando isso, moço? O senhor é da polícia?

PEDRO REZENDE: Não, não. Sou jornalista de Belo Horizonte, estou preparando uma matéria para meu jornal. Como é seu nome?

MORADOR VELHO: Me chamo Matias, mas aqui só me chamam de "velho Matias". E o seu?

PEDRO REZENDE: Pedro Rezende. Desculpe tomar seu tempo, "seu" Matias. Mas como foi que o menino sumiu?

VELHO MORADOR: Foi levar a marmita pro Chico Fortunato, na roça, e nunca mais voltou. Muita gente some por aqui: velho, moço, criança, marido, mulher, gente pobre, muito pobre. Quem é rico, vai pra Diamantina fazer negócio com pedra, tomar chope, fazer serenata pra mulher bonita.

PEDRO REZENDE: Mas aqui tem o rio para os pobres, "seu" Matias, tem pedra pra garimpar, peixe pra comer, ou vender.

107. Câmera avança, em "travelling", até enquadrar em P.P. o velho Matias, respondendo, com a irônica melancólica de homem conformado:

VELHO MORADOR: Nem isto tem mais, moço! Tiraram tudo de nós: peixe, diamante, turmalina! E até nossos filhos estão tirando! O rio não é mais dos garimpeiros, mas das dragas dos poderosos!

F U S Ã O

EXTERIORES - ESTRADA E GUINDA - DIA

108. - Câmera focaliza, em P.G., o carro de Pedro Rezende surgindo numa curva da estrada asfaltada, aproximando-se do povoado de Guinda. Depois, em Pan, segue o veículo e mostra algumas casas de Guinda.

109. Na praça principal de Guinda, com a velha igreja ao fundo, câmara focaliza, também em P.G., o carro de Pedro que estaciona em um canto do arraial.

Pedro desce e, mais adianta, aborda um morador, sem que se ouça o diálogo dos dois.

Vê-se, no entanto, que o morador aponta para uma ruela da cidade, para a qual Pedro se encaminha.

EXTERIOR - RUELA E CASA DE GUINDA - DIA

110. P.M. e depois P.P. por Trav-Avante.

Depois de focalizar em P.M. a ruela de Guinda, câmara avança em "travelling" e vai enquadrar uma casinha humilde, em cuja janela se encontra uma mulher ainda jovem, mas precocemente envelhecida.

O movimento de aproximação da câmara termina quando o enquadramento alcançar P.P., deixando a mulher ligeiramente à esquerda e, à direita, meio de perfil, mostrando Pedro que se aproxima e diz:

PEDRO REZENDE: Bom dia, dona Dulce. Sou Pedro, filho de "seu" Juca Rezende, de Datas.

DONA DULCE: Conheço, conheço seu pai, moço. É homem bom. Meu falecido marido, conhecia muito "seu" Juca Rezende. Está passeando por aqui?

PEDRO REZENDE: Na verdade, dona Dulce, vim conversar com a senhora, saber como sua filha desapareceu.

Ouvindo Pedro falar na filha, a moradora de Guinda se assusta e exclama, com voz alterada:

DONA DULCE: Ah, coitadinha! a Valéria era uma menina alegre, forte, tanto que a médica disse que era a mais forte e bonitinha daqui!

INTERIOR - CASA DE GUINDA - DIA

111. Instalada no interior da casinha, câmara enquadra dona Dulce à esquerda, de perfil e, de frente, à direita, em P.P., Pedro Rezende.

Ouvindo falar na médica, Pedro manifesta surpresa e pergunta:

PEDRO REZENDE: A médica, doutora Isolda, esteve aqui, examinou a menina?

DONA DULCE: Examinou, no Posto de Saúde. Disse que tinha ótima saúde.

PEDRO REZENDE: E quando foi isto, dona Dulce?

DONA DULCE: Um dia, ou dois, antes da menina sumir.

PEDRO REZENDE: E a que hora ela sumiu, dona Dulce?

DONA DULCE: De tarde, quando voltava da escola.

PEDRO REZENDE: Ela saiu com a médica?

DONA DULCE: Não. A médica tinha ido pro Rio Manso.

EXTERIOR - RUA E CASA DE GUINDA - DIA

112. Voltando à parte externa da casa, câmera focaliza Pedro e dona Dulce em P.A.

Antes de ir embora, Pedro ainda diz:

PEDRO REZENDE: A senhora chegou a conhecer a médica, dona Dulce?

DONA DULCE: Cheguei. Vinha de vez em quando a Guinda, dava consultas de graça. Veio um vez aqui em casa, tomou cafezinho e examinou a Valéria. Era muito atenciosa, parecia gostar muito da menina.

PEDRO REZENDE: Se Deus quiser, dona Dulce, a Valéria vai aparecer, forte, com saúde. Tenho certeza que vai aparecer.

DONA DULCE: Não tenho mais esperança não, moço! Já sofri muito nesta vida, "seu" Pedro! Perdi meu marido, perdi a Valéria, perdi tudo, até a fé! Vivo aqui, sozinha, como morcego, nesta casa escura!

Inesperadamente, chorando convulsivamente, dona Dulce deixa a janela, sai da casinha, aproxima-se de Pedro, aperta-lhe o braço e começa a gritar, histericamente, como se tivesse enlouquecido:

DONA DULCE: Traz minha filha de volta, "seu" Pedro! Pelo amor de Deus, quero minha filha, minha Valéria! Quero ela de volta!

113. P.G. da viela e da casa de Dona Dulce. Os gritos da mãe da menina desaparecida atraem passantes e moradores de Guinda.

Pedro Rezende, constrangido, muito assustado, tenta acalmar a mulher, dizendo confusamente:

PEDRO REZENDE: Fique calma, dona Dulce, fique calma, por favor! Ela vai voltar, sua filha vai voltar pra senhora, a Valéria vai aparecer!

Dona Dulce não se acalma e, ao contrário, fica ainda mais exaltada, gritando alto, com voz desesperada:

DONA DULCE: Todo mundo diz isto, e minha filha não aparece! Tiraram minha filha de mim, mataram minha filha! E todo mundo diz para eu ter esperança! Mentira, é tudo mentira! Ela não volta mais! Mataram minha filha, mataram minha Valéria! Ai, meu Deus, não agüento, não agüento mais!

Desesperada, chorando, com gestos desconexos, a pobre mulher, de repente, abraça Pedro Rezende e cai de joelhos, segurando as pernas do jornalista, gritando com voz roufenha:

DONA DULCE: Quero minha filha de volta! Me traz ela de volta, moço, traz minha filha, pelo amor de Deus! Traz minha filha!

Uma vizinha, penalizada, aproxima-se e ajuda dona Dulce a levantar-se.

E a leva de volta ao casebre, enquanto Pedro Rezende, contrafeito, deixa apressadamente o local, ouvindo alguém comentar:

UM MORADOR: Coitado do moço! Não sabia que a Dulce fica assim, quando perguntam pela filha!...

EXTERIOR - ESTRADA ASFALTADA - DIA

Couto de Magalhães

114. Em corte direto, câmera, instalada no interior do carro de Pedro Rezende, rodando na estrada asfaltada próxima à cidade de Couto de Magalhães, focaliza o jornalista de perfil, em P.P., e, ao fundo, as primeiras casas do antigo arraial de Rio Manso.

SOM - Ruído do carro em movimento.

Pedro está sério, pensativo, afetado pelo incidente de Guinda.

115. Instalada em carro especial, equipado para registrar planos em "travelling", câmera focaliza a pequena praça na entrada de Couto de Magalhães, com a velha igreja e, ao fundo, algumas casas extremamente pobres, compondo um conjunto de pobreza e solidão.

SOM - Carro em movimento e batidas ritmadas de sino velho.

EXTERIOR - PRAÇA DE COUTO DE MAGALHÃES - DIA

Botequim

116. Focaliza-se, em P.G., o carro de Pedro Rezende chegando e parando diante de um botequim, logo na entrada de uma praça com a igreja-matriz da cidade, ao fundo.

Pedro desce do carro e entra no bar, onde estão alguns moradores da localidade.

INTERIOR - BOTEQUIM DE COUTO DE MAGALHÃES - DIA

117. P.M. do interior do botequim na praça de Couto de Magalhães: o balcão, com as prateleiras repletas de produtos típicos, vendidos em locais idênticos, com destaque para muitas garrafas de cachaça, e, em ponto elevado, encaixada na prateleira, um aparelho de televisão com um programa de auditório.

SOM - Televisão transmitindo programa de auditório, com uma das bandas cantando música de sucesso.

Pedro se aproxima e cumprimenta os moradores que fazem da venda local tradicionalde encontro para uma cachaça e um "bate-papo":

PEDRO REZENDE: Bom dia a todos.

Alguns respondem, monossilabicamente:

MORADORES: Dia...

O dono do bar, um homem pardo, de barriga avantajada e um bonezinho sujo na cabeça, aproxima-se do jornalista e pergunta:

DONO DO BAR: Alguma coisa, moço?

PEDRO REZENDE: Um Guaraná.(ou Coca-Cola, ou uma cerveja em lata, etc.).

O comerciante apanha a bebida e um copo, que estende ao jornalista.

118. P.A. de Pedro e do comerciante, vendo-se, ao fundo, dois ou três moradores da cidade.

Pedro despeja a bebida no copo, bebe um gole. Logo em seguida, o dono do bar, bisbilhoteiro, pergunta:

DONO DO BAR: Dando uma voltinha?

PEDRO REZENDE: Sou jornalista, trabalho em Belo Horizonte. Estou preparando uma reportagem.

119. P.P. do comerciante, que pergunta, meio irônico:

DONO DO BAR: Reportagem nesta biboca onde o diabo perdeu as botas?...

120. P.P. de Pedro Rezende que esboça um sorriso e responde, querendo ser gentil:

PEDRO REZENDE: É uma cidade simpática,

do interior, igual às outras. O importante não é a cidade, mas as pessoas que vivem nela.

121. P.M. e depois P.P. por Trav-Avante.

Em nova angulação, câmara focaliza o interior do bar. Um dos moradores, homem já idoso, de barba e cabelos brancos, gosta do elogio, aproxima-se de Pedro Rezende e lhe fala:

MORADOR IDOSO: Falou bem, rapaz! É isto mesmo! O importante é o povo! A cidade pode ser pobre, sem arranha-céu, sem automóvel na rua, mas o povo é bom, trabalhador!

*Ped. 42
plano 121.* →

OUTRO MORADOR: Se não tem automóvel, anda de bicicleta, ou a cavalo.

Câmera inicia lento Trav-Avante, até enquadrar Pedro e o morador idoso em P.P.

Pedro, estimulado pela conversa, então pergunta:

PEDRO REZENDE: Sempre achei isto. Como é seu nome, amigo?

MORADOR IDOSO: Geremias Monteiro, às ordens.

PEDRO REZENDE: Posso lhe oferecer alguma coisa, "seu" Geremias?

MORADOR IDOSO: Pode sim, moço. Uma cachacinha.

122. P.A.L. de parte do bar, de Pedro, o morador idoso e o dono do bar, que se aproxima, esperando o pedido:

MORADOR IDOSO: Uma "Havana", de Salinas, "seu" Melo.

O comerciante apanha a garrafa da cachaça famosa e serve ao morador que, de uma só talagada, desce toda a bebida pela güela. E opina:

MORADOR IDOSO: É a melhor "branquinha" do Brasil!

Pedro aproveita a “deixa” e sugere ao morador:

PEDRO REZENDE: Gostaria de bater um papinho com o senhor. Vamos sair um pouco?

MORADOR IDOSO: Vamos sim, moço. Aqui, como o senhor viu, o “papo” é outro...

Pedro pede a conta, paga e sai com o morador, ganhando a praça.

EXTERIOR - PRAÇA DE COUTO DE MAGALHÃES - DIA

123. Instalada em carrinho, câmara enquadra Pedro e o morador idoso em P.P. e inicia lento Trav-Atrás, acompanhando a caminhada dos dois pela praça de Couto de Magalhães.

O primeiro a falar é o morador, que comenta:

MORADOR IDOSO: Já conheço o senhor da televisão. É Pedro Rezende, não é? Posso agora saber o que veio fazer na cidade?

PEDRO REZENDE: Estou investigando o desaparecimento das crianças de Mendaña, Guinda e daqui. O senhor pode me dizer alguma coisa sobre isto?

MORADOR IDOSO: Posso sim, “seu” Pedro. E até conheço a pessoa que cometeu esse crime!

PEDRO REZENDE: O senhor conhece?! Mora aqui? Pode me dizer quem é?

MORADOR IDOSO: Não só dizer, mas até mostrar! Venha comigo. É ali perto.

124. P.G. da praça, favorecendo Pedro e o morador idoso que, a certa altura, dobram uma esquina e seguem por uma ruela com poucas e miseráveis casinhas.

EXTERIOR - RUELA DE COUTO DE MAGALHÃES - DIA

125. Do alto da grua, câmara focaliza Pedro e o morador idoso, em P.G. caminhando pela ruela da cidade e se aproximando de um casebre miserável, perto de um muro de pedra e uma grande árvore.

126. O braço da grua começa a descer, avançando em “travelling” até fixar Pedro e o morador chegando ao barraco, diante do qual está sentado numa banqueta um homem de cor, quase em andrajos, a expressão completamente idiotizada, olhando assustado para os recém-chegados.

Câmera, que enquadrava Pedro e o morador em P.A.L., continua o “travelling” até fixar o mendigo em P.P.

Durante o movimento de aproximação, o morador idoso estará dizendo, maliciosamente, ao mendigo:

MORADOR IDOSO: Ôi, sô Tião, como está passando?

O mendigo fixa nos recém-chegados um olhar indiferente, quase hostil, e nada responde. Mas o morador insiste, desta vez provocativamente:

MORADOR IDOSO: Tem notícia do Zezinho, sô Tião?...

127. P.M. do casebre e dos três: Pedro, o morador idoso e o mendigo.

O que acontece, após a pergunta do morador é algo de inesperado: o mendigo levanta-se da banqueta e começa a gritar palavras furiosas e desconexas:

MENDIGO TIÃO: Uh! Ô! Ô! Sai, capeta. sai, Exu da puta! Vem me estropiar, beber-rão?! Sai, bandido velho! Fora, belzebu!

A súbita e raivosa reação do mendigo assusta Pedro Rezende que, pegando o morador pelo braço, afasta-o do lugar, enquanto o mendigo, cada vez mais furioso, continua a xingar, ameaçando agredir quem o provocara:

MENDIGO TIÃO: Tô quieto aqui, vem me pregoar, Exu fodido! Vai, senão te mato, veio estropiado! Fio de uma égua!

De repente o mendigo se abaixa, apanha uma pedra que atira com força contra o provocador, quase atingindo-o na cabeça.

Pedro arrasta o velho pela ruela, enquanto o mendigo dá alguns passos trôpegos na direção dos dois, apanha outra pedra e a lança contra os importunos, atingindo, desta vez, as costas do morador que solta um grito e começa a correr na direção da praça, dando sonoras gargalhadas, que vão misturar-se aos gritos patéticos do mendigo:

MENDIGO TIÃO: Vai, cachorrão, fio de cadela, vai pra puta que te pariu, bandido arrenegado!

128. Quase correndo, Pedro Rezende e o velho desaparecem na esquina com a praça de Couto de Magalhães.

Câmera faz Pan-E-D e vai enquadrar o mendigo em P.A. Cansado, quase sem fôlego, Tião dá uma cusparada e volta a sentar-se na banquetta, soltando uns grunhidos incompreensíveis.

EXTERIOR - PRAÇA DE COUTO DE MAGALHÃES - DIA

129. Na praça, enquadrados em P.M., Pedro e o morador idoso vão sentar-se num banco de cimento.

Câmera, acionando a lente Zoom, vai fixá-los em P.P., registrando o que dialogam:

MORADOR IDOSO: Ficou uma fera, hein, "seu" Pedro? Ficou doido, o coitado!

PEDRO REZENDE: Ficou maluco quando o senhor falou no menino. Por quê, "seu" Geremias?

MORADOR IDOSO: Porque todo mundo aqui acha que ele pegou, abusou e depois matou o Zezinho, que depois enterrou no mato.

PEDRO REZENDE: Mas vocês têm provas disso? É uma terrível acusação, "seu" Geremias! Por quê o mendigo não foi preso?

MORADOR IDOSO: O Tião costuma perseguir os alunos do Grupo. A garotada sai correndo, dá risadas, joga pedra e sai gritando: "Sai tarado, sai tarado!"

PEDRO REZENDE: Isso acontece muito no interior, e não prova nada. Deviam é internar o coitado, o senhor não acha?

MORADOR IDOSO: Já foi internado várias vezes. Mas ele foge e volta praquele muquifo imundo que o senhor viu!

PEDRO REZENDE: Sinceramente, vou confessar para o senhor: aquele coitado não tem nada a ver com o desaparecimento da criança. A coisa é muito mais séria do que o senhor pensa!

Pedro levanta-se, aborrecido, fazendo menção de partir. E se despede:

PEDRO REZENDE: Bem, "seu" Geremias, preciso voltar a Datas.

MORADOR IDOSO: Está morando em Datas?

PEDRO REZENDE: Não. Moro em Belo Horizonte e estou em Datas em visita a meus pais. Até logo, "seu" Geremias.

Dá dois passos, volta-se para o velho e acrescenta:

PEDRO REZENDE: Posso lhe pedir um favor?

MORADOR IDOSO: Até dois!

PEDRO REZENDE: Deixe o coitado do Tião em paz. Ele não fez nada com o menino. Pode acreditar! É um infeliz, digno de piedade!

E se afasta na direção do carro estacionado perto do botequim.

130. Câmera, instalada no alto da torre da igreja-matriz, focaliza em G.P.G. a praça de Couto de Magalhães que Pedro Rezende atravessa com passadas largas.

Também se vê, cruzando a praça, um grupo ruidoso de colegiais, dando gritos e risadas.

SOM - Gritos e risadas de colegiais, misturando-se depois com batidas de sinos da igreja-matriz.

ESCURECIMENTO

INTERIOR - SALA DA DELEGACIA DE DATAS - DIA

Pesadelo
↓
130-A.

131. Câmera focaliza, no gabinete do delegado, doutor Altamiro, o detetive Rubens e o escrivão Marcílio

Outro detetive, o Edmir, chega ao gabinete e se dirige ao delegado:

DETETIVE EDMIR: Doutor Altamiro, o jornalista de Belo Horizonte quer falar com o senhor.

DELEGADO ALTAMIRO: Mande entrar, Edmir.

132. PM. do grupo, no sala da Delegacia. Pedro Rezende entra, cumprimenta de cabeça os funcionários e aperta a mão do delegado, que lhe oferece uma cadeira, dizendo:

DELEGADO ALTAMIRO: Vamos sentar, Pedro. Então, foi a Mendanha?

PEDRO REZENDE: Estou chegando de lá. Fui também a Guinda e Couto de Magalhães. Mas antes de relatar o que vi e ouvi por lá, quero saber notícias de Glorinha. Alguma novidade?

DELEGADO ALTAMIRO: Nenhuma, nenhuma, infelizmente. A Marialva caiu de cama, arrasada; A cidade está abalada, todo mundo querendo ajudar. Mas, me diga, Pedro, apurou alguma coisa?

PEDRO REZENDE: Conversei com muita gente, inclusive parentes das crianças desaparecidas. O que me intrigou muito, doutor Altamiro, é a médica, aquela pediatra, que andou por lá, examinando as crianças, que depois desapareceram.

133. P.A. do escrivão Marcílio, ouvindo com grande interesse o relato de Pedro Rezende. Ouvindo a referência à médica, aproxima-se de Pedro e do delegado e lhes fala com muita convicção:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: É o que lhe disse antes, doutor.

134. Câmera avança, em Trav. e vai enquadrar Marcílio e o delegado

em P.P., favorecendo o escrivão, que continua, convictamente:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Tenho certeza de que esta médica tem muito a ver com o sumiço das crianças, inclusive da Glorinha.

135. Câmera abre o quadro e focaliza todo o grupo em P.A.L., favorecendo o delegado, que comenta:

DELEGADO ALTAMIRO: Coincidência, ou não, também começo a achar meio estranho esta médica viajando de um lado para outro. Tem razão, Marcílio. É bom a gente apurar isto. Quando vier a Datas, traga a médica à Delegacia. Quero fazer uma inquirição.

Pedro Rezende se levanta, despedindo-se do delegado com um aperto de mão. E diz:

PEDRO REZENDE: Bem, doutor Altamiro, vou dar um pulo em casa. Depois visitar Zé Raimundo e a Marialva. Até já.

EXTERIOR - PRACA DA IGREJA - DIA *FRENTE DA CASA DE JUCA...* →

136. P.G. da praça da igreja, vendo-se Pedro Rezende que se dirige, apressadamente, à casa dos pais.

Antes de alcançá-la, avista Zé Raimundo, que caminha em direção contrária. E vai ao seu encontro.

137. P.A. de Pedro e Zé Raimundo:

PEDRO REZENDE: Então, Zé, alguma notícia?

Zé Raimundo, transtornado e, ao que tudo indica, um pouco alcoolizado, responde:

ZÉ RAIMUNDO: Nada, nada! A Marialva passa o tempo todo rezando na igreja. Agora está de cama. Vou ver como ela está.

PEDRO REZENDE: Depois dou um pulo em sua casa.

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUNDO - NOITE

136 -

ZÉ RAIMUNDO: Vai sim, Pedro, vai lá em casa. A Marialva está desesperada.

E se afasta, enquanto Pedro, seguido pela câmera em Pan-D-D, retoma caminho e se aproxima da casa comercial, diante da qual encontra o pai conversando com o viajante comercial Valdomiro Linhares, figura popular na cidade.

138. Pedro Rezende aproxima-se do pai e do viajante e forma com eles um grupo enquadrado em P.A.

PEDRO REZENDE: Olá, Valdomiro, de novo na cidade?

VALDOMIRO: De novo, vendendo minhas bugigangas pro "seu" Juca Rezende.

JUCA REZENDE: Com esta lábia danada, você vende até gaiola e alpiste pra passarinho, coisa que eu detesto.

VALDOMIRO: Gaiola e alpiste não vendo, "seu" Juca, pois também acho que passarinho deve voar, livre, e não ficar preso na gaiola, pulando de um poleiro pra outro.

PEDRO REZENDE: Também acho. Mudando de assunto, Valdomiro: tem viajado muito por aí? Quais são as novidades?

139. P.P. do viajante-comercial, que informa:

VALDOMIRO: Estava contando aqui pro "seu" Juca, que ontem, em Diamantina, vi aquela médica, dona Isolda, ...

140. P.P. de Pedro Rezende. O jornalista, ouvindo o viajante citar a médica, revela imediato interesse.

Valdomiro, em off, continua então a falar:

VALDOMIRO (voz off): ... com um senhor idoso, tipo estrangeiro, falando uma língua complicada.

141. P.P. de Valdomiro, que conclui a informação:

VALDOMIRO: Pareciam muito amigos.

142. P.A. de Pedro, Juca Rezende e Valdomiro. O interesse de Pedro Rezende fica evidente quando se aproxima mais do viajante-comercial para perguntar:

PEDRO REZENDE: Me diga uma coisa, Valdomiro: em que lugar você viu a médica com o estrangeiro?

VALDOMIRO: Diante do Grande Hotel. Embarcaram numa "pick-up" branca, guiada pela médica.

Depois de curto intervalo, Valdomiro, meio intrigado, indaga:

VALDOMIRO: Por quê isto te interessa tanto, Pedro?

PEDRO REZENDE: Estou fazendo uma investigação, com objetivo jornalístico, sobre o desaparecimento da Glorinha, filha do Zé Raimundo. Você soube?

VALDOMIRO: Soube e estou chateado. Dias atrás desapareceu um menino de Couto Magalhães, filho de um amigo meu. Tem alguma coisa a ver com a médica?

PEDRO REZENDE: Ainda não sei. De qualquer forma, você me deu uma informação importante, Valdomiro. Vou à Delegacia conversar com o doutor Altamiro.

Volta-se para o pai e esclarece:

PEDRO REZENDE: Talvez depois eu vá a Diamantina, papai.

JUCA REZENDE: Está bem, meu filho. Se for, vá com Deus.

IV/
EXTERIOR - GABINETE DO DELEGADO - DIA

143. Em corte direto, câmera focaliza Pedro Rezende que se aproxima do doutor Altamiro, na Delegacia.

Ao lado do delegado estão o escrivão Marcílio e o detetive Rubens, que interrompem a conversa ao avistar o jornalista, que a câmera acompanha em Trav-Avante, até enquadrá-lo em P.P., junto ao delegado:

PEDRO REZENDE: Desculpe a interrupção, doutor Altamiro, mas tive uma informação importante: a médica Isolda foi vista em Diamantina, na companhia de um alemão idoso.

DELEGADO ALTAMIRO: Alemão, em Diamantina? Alemão não compra diamante. Meio esquisito, não é?

PEDRO REZENDE: Só indo lá pra apurar esta história.

144. Em nova angulação, câmera inicia Trav-Atrás, abrindo o quadro até P.M., mostrando todo o grupo.

O delegado volta-se para o detetive Rubens e ordena:

DELEGADO ALTAMIRO: Vai com ele, Rubens, e dê todo apoio.

DETETIVE RUBENS: Está bem, doutor. Levo a arma?

DELEGADO ALTAMIRO: É claro! Você anda desarmado, Rubens?! Nesses tempos?!

O detetive, embaraçado, dá uma desculpa meio esfarrapada:

DETETIVE RUBENS: Estava limpando a Bereta, esqueci em casa...

DELEGADO ALTAMIRO: Pois vá buscá-la. Policial sem arma, é como repórter sem caneta e máquina fotográfica.

PEDRO REZENDE: Bem lembrado, delegado. Vou em casa buscar a minha...

DELEGADO ALTAMIRO: Arma?!

PEDRO REZENDE (sorrindo): Não. Máquina fotográfica. Minha arma são as palavras.

DELEGADO ALTAMIRO: Pois leve e faça bom proveito delas.

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 9

EXTERIOR - DIAMANTINA - TARDE

145. Câmera focaliza, em P.G., a rua onde se localiza o Grande Hotel, em Diamantina.

Por ela vem vindo o carro de Pedro Rezende, que ele próprio guia. Ao lado, no banco da frente, encontra-se o detetive Rubens.

O carro vai estacionar alguns metros adiante, um pouco afastado do hotel.

146. O carro de Pedro completa o movimento de estacionar. Câmera, instalada fora do veículo, focaliza em P.P. o jornalista e o policial dentro do veículo. Com os olhos fixos no Grande Hotel, que não se vê no enquadramento, Pedro Rezende pergunta ao detetive:

PEDRO REZENDE: Conhece alguém no hotel, Rubens?

DETETIVE RUBENS: Conheço o gerente, o Evaristo, que é boa gente.

PEDRO REZENDE: Vamos conversar com ele, sem despertar suspeita, senão o homem se fecha, desconfiado.

DETETIVE RUBENS: Fique tranqüilo, "seu" Pedro. Sou macaco velho. Sei lidar com essa gente.

147. Câmera recua, em Trav.-Atrás, abre o quadro, mostrando Pedro, com a máquina fotográfica, e o detetive. Os dois deixam o carro e depois, seguidos pela objetiva em Pan-D-E, entram no Grande Hotel.

INTERIOR - GRANDE HOTEL - DIAMANTINA - DIA

148. Do interior do Grande Hotel, vazio, câmera enquadra o balcão da Recepção e, atrás dele, o gerente, Evaristo, que o detetive cumprimenta amigavelmente:

DETETIVE RUBENS: Olá, grande Evaristo.
Como vai esta bizarria?

GERENTE ~~EVARISTO~~ *Michael*: Uai, Rubens, está por aqui?

O gerente olha, meio espantado, para Pedro Rezende, reconhecendo-o, enquanto ouve o detetive perguntar:

DETETIVE RUBENS: Conhece aqui o Pedro Rezende?

GERENTE ~~EVARISTO~~ *Michael*: Quem não conhece?
Não é o famoso repórter da televisão?

Aperta-lhe a mão, dizendo, com um sorriso aberto:

GERENTE ~~EVARISTO~~ *Michael*: Prazer muito grande!

PEDRO REZENDE: O prazer é meu.

Evaristo volta-se para o detetive, e pergunta:

GERENTE ~~EVARISTO~~ *Michael*: O que você manda, Rubens?

149. P.P. de Rubens e do gerente:

DETETIVE RUBENS: É assunto confidencial, Evaristo. Queremos saber se estão hospedados aqui um estrangeiro, parece que alemão, e uma médica, doutora Isolda?

GERENTE ~~EVARISTO~~ *Michael*: Um alemão, aliás, um suíço, se hospedou ontem no hotel. Espere aí, vou ver a ficha.

Câmera abre o quadro, em Trav-Atrás, até enquadrar Pedro, Rubens e Evaristo em P.A.

O gerente retira de uma gaveta algumas fichas e procura até encontrar a do novo hóspede:

GERENTE ^{U. E. F. 1} EVARISTO: Está aqui.

PEDRO REZENDE: Posso ver, um instante?

GERENTE EVARISTO: Rapidamente, por favor, não é permitido.

Pedro apanha a ficha e, rapidamente, copia alguns dados em um pequeno caderno, que retira do bolso: Nome: Wilhelm Schneider; Nacionalidade: Suíço; Data do Nascimento: 16.08.1916; Profissão: Biólogo; Residência: São Paulo.

Devolve a ficha e pergunta ao gerente:

PEDRO REZENDE: E a médica, doutora Isolda?

GERENTE ^{U. E. F. 1} EVARISTO: Não está hospedada aqui. Parece que mora numa casa pros lados da Igreja do Rosário, na Gameleira, e tem uma fazenda de gado, mas não sei onde. Viaja muito.

DETETIVE RUBENS: Outra coisa, Evaristo: quando o gringo chegou a Diamantina?

GERENTE ^{U. E. F. 1} EVARISTO: Chegou ontem, de avião.

Pedro Rezende então pergunta, surpreendido:

PEDRO REZENDE: De avião?!

GERENTE ^{U. E. F. 1} EVARISTO: Sim, um Cessna, guiado pela médica. O avião é dele mesmo.

PEDRO REZENDE: Sabe o que ele está fazendo em Diamantina?

GERENTE ^{U. E. F. 1} EVARISTO: Parece que é homem rico, faz inseminação artificial em gado leiteiro, utilizando sêmen de touro de raça. Ganha muito dinheiro e tem clientes em São Paulo, Uberaba e por aqui mesmo.

PEDRO REZENDE: E como ele é, pessoalmente, Evaristo?

GERENTE ^{MIGUEL} ~~EVARISTO~~: Não é nada simpático! É um esquisitão, não fala com ninguém, não deixa nem a camareira entrar no quarto!

Neste ponto o gerente, preocupado, consulta o relógio e adverte:

GERENTE ^{MIGUEL} ~~EVARISTO~~: Olhem, daqui a pouco chega "seu" Gonçalves, dono do hotel...

DETETIVE RUBENS: Estamos indo, Evaristo. Você foi muito legal. Muito obrigado por tudo. Um abraço!

Antes que se retirem, o gerente recomenda:

GERENTE ^{MIGUEL} ~~EVARISTO~~: Não diga pra ninguém que vocês estiveram aqui, Rubens. "Seu" Gonçalves não vai gostar.

DETETIVE RUBENS: Pode ficar tranquilo, Evaristo. Desta boca não entra mosca. Tchau!

E deixam o hotel.

EXTERIOR - ^{RUA} PERTO DO GRANDE HOTEL - DIA

150. Pedro e o detetive saem do hotel, mas permanecem em suas imediações, meio escondidos entre os carros estacionados. E lá, enquadrados em P.A., traçam planos:

PEDRO REZENDE: Vamos esperar por aqui, Rubens. Quero fotografar o alemão e a médica assim que chegarem ao hotel.

DETETIVE RUBENS: Estou vendo que você tem tino de detetive. Aliás, tino e paciência.

PEDRO REZENDE: É tarimba de repórter. No jornalismo, só os "focas" são impacientes.

151. Em novo enquadramento, câmera focaliza em P.G., a rua onde se localiza o Grande Hotel. Por ela vêm vindo, a pé, o alemão Wilhelm e a médica Isolda.

O primeiro a avistá-los é o detetive Rubens, que chama discretamente a atenção do jornalista:

DETETIVE RUBENS: Lá vêm os dois, "seu" Pedro! E a pé.

Pedro prepara depressa a câmera e vai se posicionar por trás de um carro. Assesta a teleobjetiva e, quando avista os dois em boas condições de enquadramento, deflagra a câmera e faz várias fotos do casal, subindo a rua.

Wilhelm e a médica passam e depois se afastam, saindo de quadro, enquanto Pedro e o detetive, discretamente, descem a rua.

152. Seguidos pela câmera em Trav-Atrás, Pedro e o detetive são enquadrados em P.P., conversando enquanto caminham:

PEDRO REZENDE: Quero revelar esta foto ainda hoje. Conheço o Malu, que tem um estúdio fotográfico. Vamos até lá.

DETETIVE RUBENS: Depois de revelar a foto, o que você pretende fazer?

PEDRO REZENDE: Vou à sala de computadores do Forum, escaneio e mando a foto e a ficha do hotel para um colega de televisão, no Rio, pedindo para investigar na Interpol e na Polícia Federal. Quero saber que gente é esta!

F U S Ã O

IN/ EXTERIOR - FORUM DE DIAMANTINA - TARDE *Sequência 10*

153. Enquadra-se, em PA., Pedro Rezende em uma das salas do Forum de Diamantina, com fotos e informações sobre Wilhelm Schneider e a médica Isolda. Está falando ao telefone com o colega do Rio:

PEDRO REZENDE (ao telefone): Roberto, estou remetendo pelo computador fotos e informações sobre um cidadão suíço, que

chegou a Diamantina, e sobre uma médica de Santa Catarina. Peço todo seu empenho para obter o que for possível sobre os dois, acionando a Polícia Federal e a Interpol. Pode me fazer este grande favor?

Fica ouvindo a resposta do amigo. Depois continua:

PEDRO REZENDE: Muito obrigado, Roberto. Sabia que podia contar com você. Amanhã cedo ligo pra saber a resposta. Até logo, Roberto, e muito grato a você!

Desliga e se encaminha para o detetive, que o espera sentado. Câmera, em Trav-Avante, segue-o até focalizar em P.P. jornalista e detetive que se levanta, curioso:

DETETIVE RUBENS: Tudo certo?

PEDRO REZENDE: Tudo. Vamos aproveitar que ainda está claro, e procurar a casa da médica, na Gameleira. De acordo?

DETETIVE RUBENS: Perfeitamente. Você manda!

FRENTE AO FORUM
EXTERIOR - FORUM E RUAS DIVERSAS DE DIAMANTINA-TARDE

154. Pedro e o detetive deixam o velho sobrado do Forum, tomam o carro, estacionado na praça, e sobem a rua Direita.

SOM - Ruídos ambientais, com predominância para o som de música popular de uma loja de discos.

Ruas Diversas de Diamantina
EXTERIOR - PRAÇA DA IGREJA DO ROSÁRIO - TARDE

155 a 160. Câmera inicia uma série de planos de localização, com “flashes” de curta duração, focalizando o carro de Pedro Rezende, rodando por diversas ruas de Diamantina.

A série termina quando o veículo alcançar as imediações da praça da Igreja do Rosário.

EXTERIOR - PRAÇA DA IGREJA DO ROSÁRIO - TARDE
 161.162.163. Depois de estacionar o carro em um canto da praça, Pedro, com a máquina fotográfica, e o detetive Rubens saem à procura da casa da médica.

A certa altura, enquadrados em P.G., abordam um morador e lhe fazem perguntas sobre a casa de Isolda. O morador aponta para uma casa, nas imediações da igreja.

164.. P.P. do morador, apontando a casa:

MORADOR: É aquela meio escondida no mato. Olhem, a médica está saindo na pick-up.

165. P.M. de Pedro, Rubens e o morador. Pedro agradece e, para não ser visto, entra depressa, com o detetive, na igreja, seguidos pela câmera em Pan.D-E.

Antes de entrarem, avistam a "pick-up" branca da médica, que chega à praça.

166. Como ponto-de-vista de Pedro e Rubens, câmera focaliza, em P.G., o carro da médica que se mete por uma rua estreita, saindo de quadro.

Ouve-se em off, o comentário do detetive:

DETETIVE RUBENS: (voz off) Tivemos sorte. Agora a gente pode examinar a casa com mais tranquilidade.

167. P.P. de Pedro e Rubens.

PEDRO REZENDE: Todo cuidado é pouco, pois pode ter alguém na casa.

Rubens aponta para a arma, sob o paletó, e responde:

DETETIVE RUBENS: Este "pau-de-fogo" toma conta de nós. Pode ficar sossegado!

DA MÉDICA
EXTERIOR - CASA DE ISOLDA - DIAMANTINA - TARDE

168 a 174. Nova série de planos mostrará o jornalista e o detetive aproximando-se e, após abrirem um portão de ferro, contornando a casa da médica, vazia, sem caseiro ou vigia. Um dos planos focalizará Pedro e Rubens aproximando-se de uma porta, nos fundos da casa. A porta está fechada, mas o detetive, com chave falsa, consegue abri-la. Pedro recomenda:

PEDRO REZENDE: Fique aqui fora, por favor, Rubens, para o caso de alguém aparecer.

DETETIVE RUBENS: Positivo, deixa comigo!

Pedro bate no ombro do detetive e lhe fala:

PEDRO REZENDE: Não demoro.

Empurra a porta e entra.

E ISOLDA
INTERIOR - CASA DA MÉDICA EM DIAMANTINA - TARDE

175. Câmera, instalada em "steadcam", acompanha Pedro Rezende pelo interior da casa. Inicialmente, examina uma grande sala, parcialmente mobiliada. Depois, por um corredor, observa os quartos. Um deles chama sua atenção, pois nele se encontram diversos bujões cilíndricos, próprios para conservação de sêmen para inseminação.

Pedro bate várias chapas fotográficas, documentando os bujões e outros instrumentos técnicos, inclusive refletores, espalhados pelo quarto.

Deixa o cômodo, sempre seguido pela câmera móvel, e chega a uma espécie de escritório, com uma pequena estante com livros de medicina e, sob uma janela, uma mesa com várias gavetas. Sobre a mesa encontra, entre outros papéis, uma escritura de compra e venda, que ele examina detidamente, anotando no pequeno caderno algumas indicações: o nome de uma propriedade rural, no município de Couto de Magalhães, denominada "Fazenda da Ressurreição", com trezentos hectares, adquirida de Elpídio Fagundes pela médica Isolda Shiller, brasileira, viúva, nascida no estado de Santa Catarina. Antes de sair, avista, em um canto da mesa, uma folha de papel com vários nomes, inclusive Glorinha, que ele fotografa.

Quando faz menção de abrir uma das gavetas, chega apressadamente ao cômodo o detetive Rubens, dizendo, afobado:

DETETIVE RUBENS: Vamos sair daqui!
Está chegando a "pick-up" da médica!

Pedro e o detetive deixam rapidamente a casa e fecham a porta de entrada.

E ISOLDA
EXTERIOR - FUNDOS DA CASA DA MÉDICA - TARDE

176. P.M. de Pedro e Rubens chegando à parte externa da casa e ganhando os fundos da propriedade.

SOM - Ruído off de carro que se aproxima.

177. Câmera focaliza Pedro e Rubens em P.A., aproximando-se de um portão, nos fundos da propriedade, fechado com uma trâmela, que eles abrem e ganham uma trilha no meio de

E PRAÇA DA IGREJA
EXTERIOR - CAMINHO DE TERRA - TARDE.

178. Pedro e Rubens, deixando a casa, caminham por uma trilha de terra que, mais adiante, desemboca na praça da Igreja do Rosário. E conversam, enquadrados em P.A., seguidos pela câmera em Trav.-Atrás:

PEDRO REZENDE: Vi o nome da Glorinha em uma folha. Uma prova muito séria do envolvimento da médica, Rubens! Acho que amanhã vamos ter muitas novidades! Agora é só esperar. Vamos jantar e depois a gente vai para o hotel.

DETETIVE RUBENS: O Grande Hotel?

PEDRO REZENDE: Não. Vamos pro Hotel do Tijuco, pois o alemão pode desconfiar de alguma coisa.

ESCURECIMENTO

Sequência 16 ✓
INTERIOR - FORUM DE DIAMANTINA - MANHÃ

179. Pedro Rezende e o detetive Rubens chegam à sala de computadores do Forum de Diamantina. Fixados em P.A.L., encaminham-se para um funcionário, à mesa de trabalho, que Pedro cumprimenta com um aperto de mão, e Rubens com um gesto de cabeça:

PEDRO REZENDE: Bom dia, "seu" Rogério.

FUNCIONÁRIO ROGÉRIO: Bom dia.

O funcionário deixa a mesa e vai apanhar, num móvel ao lado do computador, várias folhas recebidas via-fax, dizendo:

FUNCIONÁRIO ROGÉRIO: Chegou do Rio de Janeiro este material para o senhor. Podem

examinar tranquilamente na sala de reuniões.

Câmera, em “travelling”, acompanha Pedro e Rubens a uma sala ao lado, indo sentar-se à mesa de reunião, enquadrados em P.P.E lá começam a examinar a documentação remetida do Rio. Pedro, para ganhar tempo, vai lendo para o detetive:

PEDRO REZENDE: “Meu caro Pedro. Remeto o material solicitado, da Polícia Federal e da Interpol. E são informações incríveis! A primeira: Wilhelm Schneider é nome falso! A Interpol identificou a foto, que você me mandou, como sendo de Konrad Otto Spiegel, nascido em Stuttgart, na Alemanha. O alemão tinha certo renome na Europa como biólogo”.

180. Câmera muda a angulação e enquadra Pedro Rezende e o detetive Rubens em P.A.

Fortemente surpreendido com a revelação, Pedro faz um curto comentário para Rubens:

PEDRO REZENDE: Suiço coisa nenhuma! O tratante é alemão mesmo!

E continua a ler, cada vez mais surpreendido:

PEDRO REZENDE: “A Interpol também informou que Konrad Otto Spiegel foi, na juventude, militante do Partido Nazista, colaborador do cientista Franz Brandauer, chefe do Setor de Pesquisas Biológicas da Universidade de Stuttgart, onde, na Segunda Grande Guerra foram realizadas experiências pioneiras de transplantes de órgãos em animais e depois em prisioneiros judeus”.

Neste ponto a surpresa de Pedro transforma-se em assombro, a ponto de levá-lo a exclamar:

PEDRO REZENDE: Deus do céu! Nazista fazendo os judeus de cobaias!

181. Câmera, em nova angulação, enquadra Pedro e Rubens em P.A. Depois, instalada em “travelling” circular, coloca Pedro ligeiramente de

perfil, à esquerda, com o detetive favorecido, de frente.
O detetive então opina, espantado:

DETETIVE RUBENS: E por quê não foi preso e julgado até hoje?!

Pedro, que continuava a ler o material da Interpol, responde ao detetive, enquanto a câmera reinicia o Trav.-Circular para, em contra-campo, enquadrar o detetive Rubens, de perfil, à direita, e Pedro Rezende de frente, respondendo:

PEDRO REZENDE: Aqui está a resposta à sua pergunta (lendo): “O Comitê Internacional de Nazistas Desaparecidos” localizou, depois do fim da guerra, Konrad Otto Spiegel na Bolívia, perdendo, depois, seu paradeiro, supondo-se que esteja, com identidade falsa, no Paraguai ou na Argentina”.

182.. P.P.P. de Pedro Rezende, dominado cada vez mais pelo assombro, comenta para o detetive:

PEDRO REZENDE: O nazista, com nome falso, não está nem no Paraguai, nem na Argentina, Rubens! Está aqui mesmo, em Diamantina, muito perto de nós!

183. P.P.P. do detetive, que retruca, com voz enérgica:

DETETIVE RUBENS: Pois vou prender o bandido!

184. P.A. dos dois, o semblante marcado pela perplexidade. Pedro, mais cauteloso, desaconselha:

PEDRO REZENDE: Ainda não, Rubens! Nós precisamos descobrir mais coisas sobre este criminoso de guerra!

Continua a examinar o material recebido. Depois acrescenta:

PEDRO REZENDE: E tem mais. O “paper” também informa sobre a médica. Ouça lá (lendo): “Com relação à médica Isolda Schiller, a Polícia Federal informou que seu verdadeiro nome

é Isolda Heinrich, nascida em Santa Catarina, expulsa do Conselho Regional de Medicina por prática ilegal de aborto e imperícia médica, impedida de clinicar em todo o território nacional”.

Câmera avança em “travelling” e vai enquadrar o detetive em P.P., quando comenta, irritado:

DETETIVE RUBENS: Outra safada! Veja só, Pedro: uma dupla boa pra dar um corretivo e meter na cadeia!

185. P.P. de Pedro Rezende, tenso, preocupado, dizendo:

PEDRO REZENDE: É preciso calma, muita cautela, Rubens! O caso é muito mais sério do que se pensa!

Depois acrescenta, guardando a documentação do Rio:

PEDRO REZENDE: Vamos dividir tarefas, Rubens. Você, por favor, volte à casa da Gameleira e vigie o nazista e a médica. Fique com meu carro, e não os perca de vista! Combinado?

DETETIVE RUBENS: Combinado. E você, o que vai fazer?

186. P.A.L. da sala e de Pedro e Rubens que se levantam das cadeiras. Pedro guarda no bolso o material do Rio e esclarece ao detetive:

PEDRO REZENDE: Vou conversar com um médico cirurgião, na Santa Casa, amigo de meu pai. Quero que me explique alguma coisa sobre transplante. Esta é a chave do mistério, detetive Rubens!

Encaminha-se para a porta de saída. Antes de sair, combina com o detetive:

PEDRO REZENDE: Quem chegar primeiro, espera o outro no hotel. Vamos trabalhar, Rubens. Estamos com uma batata quentíssima na mão!

F U S Ã OSEQÜÊNCIA ~~12~~ 12INTERIOR - CONSULTÓRIO NA SANTA CASA - DIA TARDE

187. Câmera enquadra, em P.A., Pedro Rezende e cirurgião Evaristo Machado conversando num dos consultórios médicos da Santa Casa de Medicina: o médico atrás de sua mesa de trabalho, Pedro, sentado, diante dele.

Doutor Evaristo usa óculos e aparenta ter uns 65 anos de idade. É alto, corpulento, a cabeleira basta, inteiramente branca, o olhar austero, mas revelando compreensão e paciência.

Câmera inicia lento Trav-Avante, até fixar os dois em P.P., ouvindo-se o médico que diz, amistosamente:

DOUTOR EVARISTO: Mês passado seu pai veio consultar. Ele me procurou e o levei a um clínico, muito competente e meu amigo, que o examinou detidamente. Depois fez um "check-up" que revelou gozar de excelente saúde. E como vai ele? E dona Efigênia?

PEDRO REZENDE: Vai bem, doutor Evaristo. Mamãe também, apesar de se queixar das enxaquecas.

DOUTOR EVARISTO: É da idade. E você? Não veio se consultar, pois mora em Belo Horizonte, um dos melhores centros médicos do país. A que devo o prazer de sua visita?

188. Campo: o médico, 3/4 de perfil, à esquerda, com Pedro de frente, ligeiramente à direita.

PEDRO REZENDE: É assunto profissional, doutor Evaristo. Uma investigação que estou fazendo. Ficaria muito agradecido se o senhor pudesse me esclarecer alguns detalhes técnicos sobre transplantes de órgãos humanos.

189. Contra-campo: Pedro à direita, de perfil, com o médico de frente, um pouco à esquerda.

O médico começa a explicar, pausamente, com segurança:

DOUTOR EVARISTO: Pois vamos lá. Transplante, como você sabe, é o processo pelo qual um órgão, parte dele, ou tecido, é removido de um ser vivo, ou morto, e implantado em um segundo ser vivo.

PEDRO REZENDE: A rejeição, doutor Evaristo, é mesmo o problema mais importante de um transplante?

DOUTOR EVARISTO: Tudo no transplante é importante, meu caro. E a rejeição é importantíssima, considerando-se o grau de disparidade genética entre doador e receptor.

EXTERIOR - PRAÇA DA IGREJA DO ROSÁRIO - DIA

190. Com o carro estacionado em lugar discreto, na praça da Igreja do Rosário, na Gameleira, o detetive Rubens espiona a casa da doutora Isolda, vista parcialmente no enquadramento em P.G.

Instantes depois Rubens avista o alemão e a médica que deixam a casa e embarcam na "pick-up".

Rubens disfarça-se, fingindo ler um jornal, mas, com o "rabo do olho", acompanha o carro que passa perto do local onde estacionara o carro e desaparece numa rua próxima.

SOM - Bater forte de sino da igreja e ruído de carro se aproximando e se afastando.

191. P.M. do carro e do detetive, que, apressadamente, liga o motor e segue na mesma direção do veículo guiado pela médica.

SOM - Sino e motor de carro partindo.

EXTERIORES - RUAS DE DIAMANTINA - DIA

192 a ²⁰⁰~~190~~. Uma pequena série de planos descreve, em diferentes enquadramentos, a perseguição da "pick-up" da médica pelo carro guiado pelo detetive Rubens. Serão "tomadas" em "plongée", "contre-plongée", primeiros-planos do alemão e Isolda, no interior da "pick-up", sem diálogo, e, em montagem paralela, de Rubens, conduzindo o carro de Pedro Rezende,

além de detalhes de rodas sobre o calçamento de pedras irregulares, características de Diamantina, bem como, finalmente, dos dois veículos subindo e descendo ruas tortuosas da velha cidade.

SOM - Ruídos ambientais, sinos de igrejas e, principalmente, ruído de rodas e do motor dos dois veículos.

INTERIOR - CONSULTÓRIO NA SANTA CASA - DIA

201. De volta ao consultório do médico cirurgião, doutor Evaristo Machado, no interior da Santa Casa, câmera focaliza Pedro e o médico em P.A., ambos enquadrados de perfil.

Doutor Evaristo continuar a falar sobre transplantes, enquanto Pedro o escuta com grande atenção:

DOUTOR EVARISTO: Um tecido, ou órgão transplantado consome rapidamente suas reservas celulares e desenvolve um processo degenerativo que, depois de certo tempo de duração, é irreversível.

202. P.P. do médico, prossequindo a explanação:

DOUTOR EVARISTO: Os dois métodos gerais para a preservação de tecidos e órgãos são baseados na inibição metabólica e na manutenção metabólica. A inibição metabólica...

203. P.P. de Pedro Rezende, ouvindo atentamente a explicação do médico, que prossegue, em voz off:

DOUTOR EVARISTO (voz off): ... é feita por meio da hipotermia que, como você sabe, é o resfriamento do corpo, ou dos órgãos do corpo, e pelo emprego de agentes farmatológicos...

204. P.P.P. do médico, que continua, sem interrupção, a explicação científica:

DOUTOR EVARISTO: ... substâncias chamadas crioprotetoras, ou criofiláticas, como glicerina e DMSO, que é o sulfóxido de dimetila.

X
SOM - Na trilha sonora ouve-se a sirene de uma ambulância e choro de criança.

EXTERIOR - ESTRADA ASFALTADA E AEROPORTO DE DIAMANTINA - DIA

205. Focaliza-se, em G.P.G., a estrada asfaltada que liga Diamantina ao Aeroporto. Por ela estão vindo a "pick-up" da médica Isaolda e, mais atrás, em cautelosa distância, o carro conduzido pelo detetive Rubens

Os veículos passam e, seguidos pela câmera, em Panorâmica Direita-Esquerda, aproximam-se do Aeroporto de Diamantina.

SOM - Ruído dos carros e, mais forte, do motor de um avião sendo testado.

206. P.M. do carro do detetive, parando em um trecho meio escondido da estrada, próximo ao portão de entrada do Aeroporto.

Rubens deixa o carro e caminha pela estrada, aproximando-se do Aeroporto. Evitando ser visto, oculta-se atrás de alguns tambores de gasolina e, de lá, espiona o alemão e a médica, em off.

SOM - Ruído forte do motor de avião em teste.

EXTERIOR - AEROPORTO DE DIAMANTINA - DIA

207. Ponto-de-vista do detetive Rubens: câmera enquadra, em P.G., o alemão e a médica que se aproximam de um avião bimotor Cessna e de um mecânico, fazendo revisão no aparelho, *ao lado de um hangar.* ✓

A médica diz qualquer coisa ao mecânico, que veste um macacão sujo de óleo, e que vai desligar o motor.

SOM - Motor sendo desligado. No silêncio que se faz, ouve-se, ao longe, o curto diálogo da médica com o mecânico, ao lado do avião.

DOUTORA ISOLDA: Tudo bem com o motor, "seu" Agnaldo?

MECÂNICO: Cem por cento, doutora!

DOUTORA ISOLDA: Já abasteceu?

MECÂNICO: Vou abastecer agora.

Depois pergunta:

MECÂNICO: Viaja ainda hoje, doutora?

DOUTORA ISOLDA: Talvez ainda hoje. Até logo, "seu" Agnaldo. E bom trabalho.

MECÂNICO: Daqui a pouco o Cessna vai estar tinindo! Até logo, doutora.

A médica e o alemão se afastam, na direção da "pick-up".

208. P.M. e depois P.G. por Pan-E-D.

O detetive, percebendo que a médica e o alemão vão sair do Aeroporto, encaminha-se rapidamente para o carro. Entra, liga o motor e sai em boa velocidade pela estrada, voltando a Diamantina.

SOM - Carro arrancando na estrada.

INTERIOR - CONSULTÓRIO NA SANTA CASA - DIA

209. P.A. de Rezende e do médico Evaristo, no interior da Santa Casa de Diamantina. O jornalista faz nova pergunta:

PEDRO REZENDE: E com relação ao tempo de conservação de um órgão transplantado, o que o senhor pode informar, doutor Evaristo?

DOUTOR EVARISTO: Pode ser de três tipos: de curto-prazo, um dia; de médio-prazo, colocando o tecido, ou órgão, em um líquido chamado "meio de cultura", para cultivar células, e, finalmente, de longo-prazo, com a utilização de congelamento profundo, como nitrogênio líquido.

210. P.P. de Pedro Rezende, que volta a indagar:

PEDRO REZENDE: Em tempo físico,

dou tor Evaristo, quanto isto significa?

211. P.P. do médico, que esclarece:

DOUTOR EVARISTO: Vou lhe dar um exemplo: Os rins removidos dentro de uma hora após morte cardiovascular, com adequados métodos de hipotermia e perfusão, podem ser mantidos com sucesso na reimplantação até 50 horas depois.

212. Campo: o médico à esquerda do quadro, em $\frac{3}{4}$ de perfil, com Pedro de frente, à direita.

O jornalista ouve com indisfarçável interesse as explicações do médico da Santa Casa, que prossegue:

DOUTOR EVARISTO: Além dos rins, o fígado, pâncreas, pulmão e, principalmente, coração, exigem cuidados excepcionais para transplante, conservação e transporte.

PEDRO REZENDE: O senhor poderia dizer, doutor Evaristo, se órgãos e tecidos, transplantados em perfeitas condições, poderiam ser transportados, por exemplo, de Diamantina a São Paulo e até mesmo aos Estados Unidos e Europa, em perfeitas condições?

213. Contra-campo: doutor Evaristo, de frente, à esquerda, e Pedro Rezende em $\frac{3}{4}$, de perfil.

A resposta do médico de Diamantina é imediata e segura:

DOUTOR EVARISTO: Isto é possível sim, caro repórter. Dependendo da técnica empregada em sua preservação, podem chegar a países distantes, se forem transportados, é claro, por avião.



214. P.P. de Pedro Rezende:

PEDRO REZENDE: Muitíssimo obrigado, doutor Evaristo. O senhor foi extremamente gentil! Me deu uma aula completa e sábia!

DOUTOR EVARISTO (*voz off*): Ora, ora, meu caro! Foram explicações simples, sem maior mérito. Mas, me diga...

215. P.P. do médico, que conclui a frase:

DOUTOR EVARISTO: ... caro amigo: por quê o interesse por esse assunto? Alguém de sua família necessita fazer transplante?

216. P.A. dos dois, enquadrados de perfil. Pedro responde:

PEDRO REZENDE: Não, não, doutor Evaristo! Graças a Deus ninguém de minha família precisa disso. É apenas curiosidade jornalística, e se refere a um acontecimento de grande importância, que terei brevemente o prazer de relatar ao senhor.

Pedro faz menção de levantar-se para partir, e ainda diz:

PEDRO REZENDE: Por enquanto ainda estou no terreno da hipótese, uma hipótese provável, e muito séria. Até breve, doutor Evaristo. E, mais uma vez, muito obrigado!

217. P.M. de Pedro e do médico, que também se levanta e acompanha Pedro Rezende até a porta de saída, que abre, dizendo, ao apertar-lhe a mão:

DOUTOR EVARISTO: Um grande abraço em seu pai, e minhas recomendações à dona Efigênia. Até à vista, meu caro.

Pedro sai, enquanto o médico retorna à mesa de trabalho.

EXTERIOR - FRENTE DA SANTA CASA - DIA

218. Focaliza-se a fachada da Santa Casa de Diamantina em P.G. no instante em que Pedro Rezende chega de seu interior.

Ao sair, Pedro avista o detetive Rubens, com o carro estacionado diante do hospital, e que vai ao seu encontro, dizendo, com certa excitação:

DETETIVE RUBENS: Pedro, precisamos voltar

imediatamente a Datas!

219. P.P. de Pedro e o detetive. O jornalista, estranhando a recomendação do detetive, pergunta:

PEDRO REZENDE: O que aconteceu, Rubens?

DETETIVE RUBENS: Segui o alemão e a médica até o Aeroporto. Mandaram abastecer o avião para viajar talvez ainda hoje. Depois pegaram a estrada para Couto de Magalhães.

PEDRO REZENDE: É onde se encontra a fazenda da médica! Tem razão, Rubens, vamos para Datas o mais depressa possível e avisar o delegado!

Sequência 12
EXTERIOR - ESTRADA PARA DATAS - DIA

220. Câmera, instalada em dispositivo fixado na frente do carro de Pedro, focaliza, em detalhe, o asfalto sendo engolido pelo veículo em alta velocidade.

SOM - Ruído forte do motor e dos pneus rodando velozmente na estrada.

221. Instalada no capô do carro, câmera enquadra, em P.P., Pedro Rezende, ao volante, e, ao lado, o detetive Rubens. Estão calados, mas seu rosto exprime grande tensão.

O carro roda na estrada em grande velocidade.

SOM - Ruído do carro rodando velozmente pela rodovia.

FRENTE
EXTERIOR - DELEGACIA DE DATAS - DIA

222. O carro de Pedro Rezende freia diante da Delegacia de Datas. As portas se abrem e saem o jornalista e o detetive, que entram apressadamente na repartição policial.

SOM - Carro freando e ruídos ambientais, inclusive sino de igreja.

INTERIOR - DELEGACIA DE DATAS - DIA

223. Em corte direto, câmera enquadra, em P.A., Pedro, Rubens e Altamiro, reunidos na Delegacia.

Inesperadamente, entra na sala o escrivão Marcílio. Muito excitado, interrompe a reunião para dizer:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Doutor Altamiro, desculpe a interrupção...

224. O delegado não gosta da intromissão intempestiva do funcionário e exclama:

DELEGADO ALTAMIRO: Ô Marcílio! Você está interrompendo uma reunião muito importante. E sabe que não gosto disto!

225. P.P. do escrivão, constrangido, mas que insiste:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: O senhor me desculpe, mas encontraram o corpo da menina de Guinda, que desapareceu!

226. P.P. do delegado alarmado, levantando-se da cadeira para dizer:

DELEGADO ALTAMIRO: O quê?! Encontraram onde, Marcílio?!

227. P.M. e depois P.P. por Trav-Avante.

Câmera, inicialmente, focaliza todo o grupo em P.M. Depois inicia Trav-Avante até fixar o escrivão em P.P., quando informa, nervosamente:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: A uns cinco quilômetros de Guinda! Um cachorro começou a fuçar um buraco, perto de um matagal, ganindo muito. Um roceiro, que passava, cavou o lugar com uma enxada e encontrou o corpo da menina!

228. P.P. de Pedro Rezende, comentando, muito espantado:

PEDRO REZENDE: É a Valéria, filha de dona Dulce, coitada!

229. P.P. do escrivão, que ainda informa, abalado:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: O mais grave, doutor, é que o corpo estava aberto, sem vários de seus órgãos!

230. P.M. da sala, registrando o assombro que se apossa de todos. Depois de um curto e espantado silêncio, Pedro Rezende exclama:

PEDRO REZENDE: Deus do céu! É o que eu temia!

Volta-se para o delegado e pede, com enorme aflição:

PEDRO REZENDE: Reúna depressa seus homens, doutor Altamiro! Peça reforço da Polícia Militar e vamos o mais rapidamente possível à fazenda da médica, no município de Couto de Magalhães! Tenho certeza de que Glorinha está lá e podem fazer com ela o mesmo que fizeram com aquela menina de Guinda!

Câmera registra o grande tumulto que se estabelece no gabinete do delegado. Altamiro dá enérgicas ordens:

DELEGADO ALTAMIRO: Reúna os homens e os carros, Marcílio! E você, Rubens, vá à Polícia Militar e peça reforço ao sargento Elias, com a maior pressa possível! Vamos, vamos, rápido!

Dirige-se depois a Pedro Rezende, enquanto todos se movimentam:

DELEGADO ALTAMIRO: Vá com seu carro buscar o Zé Raimundo e a Marialva. E siga depois conosco para a fazenda!

SEQÜÊNCIA 13

EXTERIOR - RUA DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

231. P.G. da rua e da casa onde moram Zé Raimundo e Marialva.

O carro de Pedro Rezende surge ao fundo e pára diante da casa de seus amigos.

O jornalista desce depressa do veículo e bate palmas à porta de entrada.

232. P.A. da porta que se abre, surgindo Zé Raimundo, meio espantado ao avistar Pedro, que lhe fala excitadamente:

PEDRO REZENDE: Zé, chame depressa a Marialva! Vamos a uma fazenda onde a Glorinha pode estar!

O garimpeiro, atônito, ainda sem entender bem o significado das palavras que ouve, só consegue dizer:

ZÉ RAIMUNDO: A Glorinha?! Onde, na fazenda?!...

Nesse instante, Pedro e Zé Raimundo ouvem a voz off de Marialva que, do interior da casa, exclama, quase gritando:

MARIALVA (voz off) Glorinha, minha filha?! Minha Nossa Senhora, está numa fazenda?!

Logo a seguir, tremendamente emocionada, chorando e rindo ao mesmo tempo, Marialva surge à porta, ouvindo Pedro pedir:

PEDRO REZENDE: Vamos, vamos, depressa Marialva! Venham comigo!

Pedro, Marialva e Zé Raimundo precipitam-se para fora e, antes de embarcarem no carro, ouvem dona Aparecida perguntar, muito assustada:

DONA APARECIDA: Aonde vocês vão? Alguma coisa com a Glorinha?!

233. Deixando o carro em P.P., à esquerda do quadro, câmera focaliza Pedro, Marialva e Zé Raimundo ao lado do veículo e, ao fundo, a casa com dona Aparecida à janela.

Antes de entrar, voltando-se para a mãe, Marialva responde, apressadamente:

MARIALVA: Ela está numa fazenda, mamãe! Estamos indo pra lá!

ZÉ RAIMUNDO: Tudo vai correr bem, dona Aparecida! Fique tranqüila!

SOM: Latidos de cachorro vindos do quintal.

EXTERIOR - QUINTAL DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

234. Câmera focaliza “Bilito”, o cachorro de Glorinha, preso numa árvore, nos fundos do quintal da casa de Zé Raimundo.

O cão está latindo e ganindo furiosamente, tentando livrar-se da corda que o prende. Dá saltos, chorando, desesperado para seguir os pais de Glorinha.

SOM: Latidos e ganidos fortes do cachorro. Em segundo-plano sonoro, ouve-se o ruído do carro arrancando.

De repente, com um salto maior, “Bilito” consegue libertar-se da coleira, sai correndo como doido pelo corredor da casa e chega à rua, a tempo de ver o carro que leva, em alta velocidade, Pedro, Zé Raimundo e Marialva.

EXTERIOR - RUA DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

235. G.P.G. da rua e, ao fundo, o carro conduzido por Pedro Rezende.

O cachorro, em desabalada correria, entra no quadro e vai latindo atrás do automóvel que, num cruzamento, vira à direita e desaparece.

Câmera focaliza sempre o cachorro que, da mesma forma, vira a esquina e sai de quadro pela direita.

EXTERIOR - ESTRADA - COUTO DE MAGALHÃES - DIA

236. De um ponto elevado, câmera focaliza, em P.G., a estrada asfaltada que leva a Couto de Magalhães, enfatizando, no enquadramento, três veículos da Delegacia e da Polícia Militar, seguindo em alta velocidade.

Instantes depois, vindo de Datas, entra no quadro o carro de Pedro Rezende, transportando Zé Raimundo e Marialva, rodando também velozmente, aproximando-se dos veículos à sua frente.

SOM: Sirene do carro que segue, à frente, com o delegado Altamiro e três policiais.

O carro de Pedro aproxima-se dos outros que, mais adiante, entram numa curva.

Câmera continua a rodar, focalizando a estrada vazia. Mas, logo a seguir, mostra o cachorro de Glorinha, latindo e correndo alucinadamente atrás dos carros.

SOM: Latidos do cachorro e sirene do carro policial.

237. Instalada em dispositivo fixado na frente de um carro em movimento, próximo ao chão, câmera enquadra o cachorro "Bilito" em P.P., destacando as patas do animal correndo velozmente em perseguição ao carro que leva Marialva e Zé Raimundo.

SOM: Latidos fortes, em primeiro-plano sonoro.

EXTERIOR - ESTRADA DE TERRA - DIA

238. Os carros da polícia e de Pedro Rezende deixam a rodovia asfaltada, perto de Couto de Magalhães, e ganham uma estrada de terra que leva à Fazenda da Ressurreição.

Depois de fixar em P.G. os quatro veículos, deixando a rodovia, câmera os acompanha, em Pan-D-E, rodando, em velocidade reduzida, pela estreita estrada de terra, levantando grossas núvens de poeira.

SOM - Ruído forte da sirene do carro que leva o delegado, e do motor dos veículos que seguem atrás.

239. Instalada em veículo que segue ao lado do carro do delegado, câmera focaliza Altamiro no banco da frente, ao lado do detetive Rubens, que está ao volante.

Voltando-se para Rubens, o delegado Altamiro recomenda:

DELEGADO ALTAMIRO: Estamos perto da fazenda. Desligue a sirene, Rubens.

O detetive desliga o botão que aciona a sirene, e o carro avança pela estrada menos ruidosamente.

EXTERIOR - ESTRADA ASFALTADA - DIA

240. P.G. da estrada asfaltada próxima a Couto de Magalhães. Por ela vem vindo o cachorro "Bilito", língua de fora, correndo desabaladamente.

Depois de segui-lo em panorâmica, câmera mostra o ponto de junção da rodovia asfaltada com a estrada de terra, por onde entraram os carros policiais.

EXTERIOR - ESTRADA E PAISAGEM RURAL - DIA

241. Instalada em ponto ligeiramente elevado, câmera focaliza, em G.P.G., a paisagem árida do sertão mineiro, próximo a Couto de Magalhães, mostrando um vale com pouca vegetação e, ao fundo, montanhas graníticas, características da região do Alto Jequitinhonha.

Pela estrada de terra, levantando poeira, estão chegando os quatro veículos, agora em velocidade moderada, vendo-se, à esquerda, um pasto onde se vêem, espalhados, bois e vacas da raça holandesa.

SOM - Ruído dos carros chegando e mugidos de gado.

242. P.P. do delegado Altamiro, no interior do carro dirigido pelo detetive Rubens.

Altamiro aponta para uma fazenda, distante, à margem da estrada, e informa:

DELEGADO ALTAMIRO: Olha: lá está a fazenda da médica!

SEQUENCIA 14

EXTERIOR - FAZENDA DA RESSURREIÇÃO - DIA

243. Como ponto de vista do delegado Altamiro, câmera focaliza, em P.G., uma porteira fechada, o pasto, onde se espalham muitas vacas e bois da raça Holandesa e, ao fundo, erguida em pequena elevação, parcialmente escondida por algumas árvores, o casarão de uma antiga fazenda construída no tempo da escravidão, com larga varanda, portas e muitas janelas fechadas.

Ouve-se, na trilha sonora, a voz off do delegado, completando:

DELEGADO ALTAMIRO (voz off): Tem um nome esquisito, "Fazenda da Ressurreição".

244. P.A. do carro do delegado e de seus ocupantes, no instante em que

o escrivão Marcílio explica:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Tem esse nome, delegado, porque a filha de um antigo proprietário, homem muito rico, estava à morte e foi salva por um frade capuchinho, que pôs água benta na cabeça da menina, fez uma reza, ela sarou e, pouco depois, deixou a cama, alegre, feliz, e foi brincar.

DELEGADO ALTAMIRO: Que coisa, hein, Marcílio! Um frade capuchinho! E onde ele anda?

Marcílio dá uma risada e explica:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Foi no século passado, doutor Altamiro! O frade, o fazendeiro, a menina, todo o mundo está debaixo da terra, há muito tempo!

245. De dentro da fazenda, câmera focaliza, em primeiro-plano, a porteira que separa a propriedade da estrada de terra, dando destaque aos veículos que se aproximam lentamente, ao fundo.

SOM - Carros chegando e mugidos de bois e vacas, em bg.

246. Invertendo a posição, câmera focaliza, em G.P.G., o vale, o pasto, uma aguada, à direita, algumas árvores e, bem ao fundo, o casarão da Fazenda da Ressurreição.

Dois empregados estão vindo, com cara de poucos amigos.

247. Em novo enquadramento, focaliza-se parte da estrada de terra e os veículos da caravana policial, aproximando-se da porteira fechada, encimada com a tabuleta, de madeira, com os dizeres "Fazenda da Ressurreição".

Os carros se imobilizam, enquanto os empregados, armados com espingardas, se aproximam, desconfiados.

248. P.A. do interior do carro do delegado. Este, o detetive Rubens, o escrivão Marcílio e mais dois policiais de Datas, estão calados, observando a fazenda e a aproximação dos empregados.

SOM: Mugidos de bois e vacas.

O delegado, olhando fixamente na direção da fazenda e dos dois homens que se aproximam, com as armas apontadas para os veículos, ordena, com voz enérgica:

DELEGADO ALTAMIRO: Vamos sair!

249. Em novo enquadramento, câmera, instalada em grua, focaliza, ainda em posição normal e linear, os dois empregados, de perfil, aproximando-se da porteira, armas apontadas, e, à direita, os ocupantes do primeiro carro, com o delegado à frente.

A grua é acionada e começa lentamente a subir, enquadrando, em P.G., a porteira, o delegado e os policiais da delegacia, parados ao lado do carro e, mais ao fundo, os outros veículos.

O delegado, dando dois passos à frente, fala energicamente aos empregados, que ainda lhe apontam as armas:

DELEGADO ALTAMIRO: Baixem estas armas!

Neste instante saem dos outros carros seis soldados fardados da Polícia Militar, trazendo fuzis, escopetas e metralhadoras. Avançam ameaçadoramente na direção da porteira e dos dois empregados. Mais ao fundo, também são vistos Pedro Rezende, Zé Raimundo e Marialva, que também deixam o carro.

250. P.P. dos dois empregados, muito assustados, olhando para os policiais e militares, ouvindo a voz off do Sargento Elias, que lhes grita:

SARGENTO ELIAS: (voz off): Baixem as armas e...

251. Deixando os dois empregados à direita do quadro, câmera focaliza Altamiro, os detetives e os soldados da Polícia Militar em P.M., destacando o Sargento Elias que completa energicamente a frase:

SARGENTO ELIAS: ... abram a porteira!

Os empregados, muito assustados, obedecem imediatamente, baixam as armas e erguem a tramela da porteira.

252. Câmera detalha, em P.P., a mão de um dos empregados levantando a tramela da porteira.

SOM - Tramela sendo levantada e ruído da porteira que começa a abrir-se com o chiado característico.

253. Em “raccord” de movimento, focaliza-se, em P.A., o empregado que completa o movimento de abrir a porteira que vai recostar-se na escora. O delegado volta-se para o Sargento, que chegara do fundo, e pede:

DELEGADO ALTAMIRO: Sargento, por favor, leve para o carro esses dois homens!

Em seguida, dirige-se aos dois empregados e pergunta:

DELEGADO ALTAMIRO: Esta é uma diligência policial. Está na fazenda a doutora Isolda?

UM EMPREGADO: Está sim senhor.

DELEGADO ALTAMIRO: Veio com um velho e uma menina?

UM EMPREGADO: Veio sim senhor.

Sargento Elias se aproxima dos empregados e ordena:

SARGENTO ELIAS: Entreguem as armas!

Os empregados obedecem, estendendo ao militar as duas espingardas.

254. Instalada no alto da grua, câmara focaliza em P.G. toda a comitiva, os carros, Pedro, Zé Raimundo e Marialva, mostrando, inclusive, ao fundo, parte da estrada de terra, por onde, latindo, a língua de fora, exausto, o cão “Bilito” correndo à toda.

SOM - Latidos do cachorro.

Câmera, ainda do alto da grua, acompanha a chegada do animal que, passando como flecha pela porteira aberta, corre em direção à casa-sede. Ouve-se a voz de Marialva, gritando para o cão:

MARIALVA (voz off): “Bilito”, “Bilito”, vem aqui!

Mas o cachorro não obedece e corre na direção da casa, sobe a escada que leva à varanda e começa a arranhar, com as patas dianteiras, uma porta fechada.

Assegurados, pelo comportamento inesperado do cão, da presença de Glorinha na fazenda, o delegado, sargento, militares e policiais, Pedro, Marialva e Zé Raimundo correm em direção à casa-sede.

Depois de registrar, do alto, a invasão da fazenda, câmera, com a descida da grua, volta à posição normal e focaliza o destacamento que se aproxima correndo da casa.

X

EXTERIOR - FRENTE DA CASA-SEDE DA FAZENDA - DIA

255. Instalada na varanda da casa-sede, câmera registra, em P.M., a invasão da fazenda pelo delegado e todo o destacamento.

No quadro também se vê o cão "Bilico" que continua a arranhar furiosamente a porta fechada, diante da qual Altamiro, detetives e soldados da Polícia Militar chegam correndo.

Parando diante da porta, Altamiro torce a maçaneta, constatando que está fechada à chave. Não hesita e mete violentamente o pé na porta, arrombando-a. E entra na casa, seguido por todo o destacamento.

SOM - Ruído forte da porta sendo arrombada.

INTERIOR - SALÃO DA FAZENDA - DIA

256. Do interior da fazenda, câmera focaliza em P.M. o delegado e seus acompanhantes entrando numa grande sala de jantar, decorada com móveis antigos e retratos pendendo da cimalha.

Chegando ao centro do cômodo, com várias janelas fechadas com cortinas, o delegado fica indeciso sobre qual direção tomar. Mas, naquele instante, avista o cachorro que atravessa correndo o salão e se precipita para uma escadaria, num canto, indicando instintivamente o caminho a seguir.

Todos fazem o mesmo, começando a descer os degraus da escadaria.

INTERIOR - "HALL" EMBAIXO DA ESCADARIA - DIA

257. Instalada no pequeno "hall" embaixo da escadaria, câmera focaliza, em P.A., a escadaria, o delegado, detetives e soldados que descem correndo e observam o cachorro que arranha, furiosamente, outra porta fechada.

E, novamente, Altamiro, com o corpo e o pé, arromba a porta, que se abre estrepitosamente, deixando ver algo de inacreditável.

INTERIOR - SENZALA DA FAZENDA - DIA

258. Do interior do novo cômodo, uma antiga senzala de fazenda, com grandes vigas de madeira sustentando o forro, câmera enquadra, em P.M., o delegado e seus acompanhantes, parados diante da porta arrombada, olhando, atônitos, para o interior do cômodo.

259. Como ponto-de-vista do delegado e de todos, imóveis e estupefatos à porta, câmera focaliza em P.G. o interior do cômodo: um grande cômodo, onde viviam os escravos, inteiramente pintado de branco, com grandes vigas de madeira, vendo-se, ao centro, uma mesa de metal, fortemente iluminada por refletores usados em centros cirúrgicos.

Ao lado, sobre outra mesa, estão dispostos vários tambores cilíndricos, próprios para coleta e preservação de órgãos humanos.

Estendida sobre a mesa cirúrgica, imóvel, inteiramente despida, está Glorinha. A seu lado, vestindo trajes de intervenção cirúrgica, Konrad Otto Spiegel e a médica Isolda Heinrich olham, estupidificados, para os recém-chegados.

260. Em nova angulação, câmera, de um canto da senzala, enquadra, em P.G., grande parte do cômodo, favorecendo o alemão, a médica e, à direita, parados e atônitos, o delegado, o sargento Elias, soldados, detetives, Pedro Rezende, Zé Raimundo e Marialva, estes últimos meio ocultos pelos policiais.

De repente, dominado pelo espanto, o alemão começa a gritar, enfurecido, com forte sotaque alemão:

KONRAD OTTO SPIEGEL: Que é isto?! Por favorr, forra, forra daqui! Propriedade particular!

E continua a gritar, possesso, o rosto tomado pela vermelhidão:

KONRAD OTTO SPIEGEL: Vamos, saiam, saiam, forra daqui!

Vendo que os gritos não intimidam ninguém, o alemão nazista volta-se para apanhar uma pistola militar, colocada sobre um móvel. Antes, porém, que o alcance é alvejado por uma saraivada de balas disparadas pelas armas do delegado, dos detetives e dos soldados, desabando, morto, sobre os tambores.

SOM - Ruído fortíssimo de tiros, ecoando no porão da fazenda.

261. Em nova posição, câmera detalha, em P.P., a queda do biólogo alemão, ensangüentado, tombando sobre os tambores cilíndricos onde recolheria os órgãos de Glorinha.

Desabando, morto, sobre eles, os bujões rolam pelo chão, deixando escapar gelo e fumaça emanada de nitrogênio líquido que, rapidamente, se embebedam de sangue.

262. P.A. da médica Isolda, também vestida com traje cirúrgico, recuando, apavorada, recostando-se numa parede, pedindo, apavorada:

MÉDICA ISOLDA: Não me matem, pelo amor de Deus, não me matem!

263. P.G. de grande parte do porão, mostrando o delegado, sargento, detetives e soldados que ocupam o local, observando, espantados, tudo que nele se encontra.

Os últimos a entrar, Pedro Rezende, Zé Raimundo e Marialva páram estupefatos diante da porta. E é novamente o "Bilito" que domina as atenções, ao correr, latindo e ganindo, com louca alegria, na direção de Glorinha, estendida na cama cirúrgica.

Ouve-se, então, um grito de Marialva, ecoando com força na senzala:

MARIALVA: Glorinha! Glorinha, minha filha!

Antes que se precipite para o corpo da filha, Pedro Rezende a detém, vendo que o delegado fora auscultar o corpo da menina, em meio ao grande silêncio que se faz.

264. P.A. e depois P.P., por Trav-Avante, do delegado, que completa o movimento de aproximar-se da mesa para auscultar o corpo de Glorinha.

Altamiro coloca o ouvido no peito de Glorinha, fica escutando por alguns instantes. Câmera, então, avança em "travelling" até focalizá-lo em P.P.

Depois Altamiro, com alívio e grande alegria, volta-se para Marialva e informa, emocionado:

DELEGADO ALTAMIRO: Ela está viva, Marialva, está viva! Só está anestesiada, graças a Deus!

265. P.G. do porão, como no plano 263.

Marialva, seguida por Zé Raimundo avança, deslumbrada, sorrindo e chorando ao mesmo tempo, chega à mesa e apanha o corpo de Glorinha,

enquanto “Bilito”, dando pulos, ganindo, tenta lambe o rosto da menina, completando o quadro de intensa emoção que se apossa de todos.

Zé Raimundo une-se à mulher, recobre o corpo de Glorinha com uma toalha e beija repetidas vezes o rosto da filha, ouvindo Marialva exclamar:

MARIALVA: Glorinha, Glorinha, filhinha querida!

Perto dela, detetives e soldados examinam o corpo do nazista, enquanto o delegado e Pedro Rezende aproximam-se da médica, totalmente atoleimada, num canto, olhando em pânico para uns e outros.

266. P.A. de Pedro Rezende e do delegado, aproximando-se da médica Isolda, seguidos pela câmara em Pan-D-E. No final do enquadramento, o jornalista e o delegado ficarão ligeiramente à direita, com a médica de frente, à esquerda, olhando-os apavorada, o rosto pálido, repetindo:

DOUTORA ISOLDA: Não me mate... Não me mate!...

O delegado, guardando o revólver no coldre, fala, energicamente:

DELEGADO ALTAMIRO: A senhora merece morrer! Mas eu respeito a lei e no Brasil, infelizmente, não há pena de morte!

Altamiro apanha as algemas e, com elas, prende as mãos da médica, acrescentando:

DELEGADO ALTAMIRO: A senhora está presa! Vai ser julgada e, na certa, condenada a apodrecer na prisão pela cumplicidade no assassinato de crianças para extração de seus órgãos. A senhora praticou, com este nazista que mandamos para o inferno, crimes hediondos, que só monstros degenerados praticam!

267. Contra-campo: P.A. da médica, de perfil, à esquerda, e de Pedro Rezende e o delegado de frente, à direita.

Pedro Rezende chega mais perto da médica, aponta-lhe o dedo e, com indignação e desprezo, completa:

PEDRO REZENDE: Como foi capaz de raptar,

assassinar e profanar o corpo dessas infelizes, filhas de gente paupérrima, sua única alegria na vida?! Alguém arrancou o coração de seu peito, como a senhora fez com três crianças e ia fazer com esta menina que salvamos de sua fúria homicida?!

268. P.M. de Marialva, com Glorinha nos braços, e de Zé Raimundo que, ouvindo a referência à filha, avançam na direção da médica.

Marialva, exaltadíssima, o rosto ainda molhado de lágrimas, coloca-se diante de Isolda e, por sua vez, ergue a voz:

MARIALVA: Não tem sentimento, não tem piedade, não tem repugnância pelo que fez?! Quanto ganhou pelo crime que praticou?!

269. P.P. da médica, lívida, incapaz de encarar a mulher que a acusa de forma tão causticante, falando com voz humilde, apontando para o corpo do alemão:

MÉDICA ISOLDA: Foi ele, foi o Konrad...

270. P.A da médica, delegado, Pedro Rezende, Marialva e Zé Raimundo. Colérico, Altamiro interrompe Isolda para dizer, exaltadíssimo:

DELEGADO ALTAMIRO: Mentira! Mantira deslavada! Ninguém faz sozinho as torpezas hediondas que vocês fizeram! A senhora foi cúmplice deste nazista infame que veio fazer no Brasil o que deve ter feito na guerra! E tudo por dinheiro, um dinheiro sujo, manchado de sangue das pobres crianças que vocês mataram!

Pedro Rezende, por sua vez, incapaz de conter-se, também ergue a voz e acusa com fúria sagrada:

PEDRO REZENDE: A senhora percorreu Mendanha, Guinda, Couto de Magalhães e Datas, procurando crianças pobres, muito pobres, que examinava, como falsa médica, para saber se eram sadias! Depois as entregava àquele criminoso de guerra!

271. P.M. de parte da sala, mostrando Marialva, com Glorinha no colo, Zé Raimundo, Pedro, Altamiro e os policiais, atentos ao colérico julgamento moral da médica, que os ouvia com os olhos abaixados.

E é novamente Marialva, incontida, que volta a acusar a mulher que odeia:

MARIALVA: Você põe a culpa naquele assassino?! Mas estava ao lado dele, com esta roupa, pronta para matar esta criança...

Marialva, neste ponto, estende Glorinha e a exhibe à médica, continuando, chorando, com voz e enfurecida:

MARIALVA (continuando): ... e arrancar de seu corpo o coração e outros órgãos para vender não sei onde! Você faria isto se tivesse uma filha?! Ou, quem sabe, tinha uma filha e também a matou?! Assassina, miserável assassina!

272. Deixando Isolda à direita do quadro, câmera enquadra o grupo em P.A.L.

Zé Raimundo, vendo o estado extremamente exaltado de Marialva, que continua a chorar, aproxima-se dela, abraça-a e lhe fala:

ZÉ RAIMUNDO: Venha, Marialva, procure se acalmar. Ela vai pagar pelo que fez!

Marialva, dominada pela cólera e a emoção, chora convulsivamente, deixando cair lágrimas sobre o rosto da filha, que matém nos braços.

273. P.P. do rosto de Marialva e depois, através de panorâmica de cima para baixo, detalhe fechado das lágrimas de Marialva, caindo sobre o rosto de Glorinha que, de repente, abre os olhos, fixando-os na mãe e dizendo, com voz muito fraca:

GLORINHA: Mamãe... mamãe...

274. Câmera inicia lento Trav-Atrás, sobe e abre o quadro, focalizando todo o grupo em P.M.

Vendo cessar os efeitos da anestesia, Marialva passa do choro e do desespero para um estado comovente de deslumbramento.

Beija repetidas vezes a filha, e exclama:

MARIALVA: Glorinha, Glorinha, minha filha, você acordou, graças a Deus!

A cena contagia todos com alívio e emoção. Zé Raimundo, Pedro Rezende e o delegado Altamiro abrem-se em franco sorriso, enquanto sargento, soldados e detetives se aproximam, formando um grupo sorridente e feliz.

275 P.G. da senzala, destacando o delegado que se volta para o sargento Elias, dizendo:

DELEGADO ALTAMIRO: Sargento, por favor, conduza esta mulher para a cadeia. E mande recolher o corpo daquele homem!

Dirige-se, em seguida, aos policiais que o circundam:

DELEGADO ALTAMIRO: Vamos voltar a Datas. A diligência está encerrada.

EXTERIOR - FRENTE DA CASA-SEDE - FAZENDA - DIA

276 Voltando ao exterior e à frente do casarão da fazenda, câmera focaliza, em P.M., todo o grupo que acompanhou a diligência policial, saindo pela porta principal de entrada e ganhando a varanda. Ao lado de Marialva, com Glorinha no colo, o cão "Bilito" dá pulos, latindo e ganindo.

Soldados fardados carregam o corpo ensangüentado do alemão, enquanto dois detetives, um de cada lado, escoltam a médica algemada.

SOM - Além do ruído de passos nas tábuas do assoalho da casa, ouvem-se também mugidos do gado que se espalha pelo pasto.

277 Novamente instalada na grua, câmera focaliza da estrada de terra, em G.P.G., a fazenda, o pasto, com o gado, os participantes da diligência policial, Pedro Rezende, Marialva, ainda carregando a filha, e Zé Raimundo.

No enquadramento obtido do alto do aparelho, também se vêem os carros, estacionados na estrada, e a porteira aberta, ostentando os dizeres "Fazenda da Ressurreição".

Todo o grupo vem caminhando na direção dos carros e, a certa altura, é melhor detalhado quando a câmera, em movimento descendente da grua, chega ao nível normal, focalizando detetives e policiais que passam à direita e à esquerda da objetiva, seguindo na direção dos carros.

278. Pedro Rezende e o delegado Altamiro, fixados em P.A., caminham juntos, lentamente, acompanhados pela câmera em Trav-Atrás. E conversam amigavelmente:

DELEGADO ALTAMIRO: Graças a Deus, Pedro, tudo acabou bem. E você fez um excelente trabalho, meu caro! Vou destacar isto no inquérito.

Marialva e Zé Raimundo, que seguem logo atrás, avançam e se colocam ao lado dos dois. E Marialva exclama com ênfase sincera:

MARIALVA: Você foi maravilhoso, Pedro! Deus lhe pague e faça você muito feliz!

Pedro abraça o casal e responde:

PEDRO REZENDE: Fiz o que nossa amizade exigia de mim, nada mais. Devemos muito ao nosso enérgico e competente delegado!

EXTERIOR - ESTRADA DIANTE DA FAZENDA - DIA

279. 280. Do lado de fora da fazenda, instalada na estrada de terra, câmera focaliza, em P.M., parte da diligência e dos veículos estacionados, destacando-se o de Pedro Rezende.

Pedro, o delegado, Marialva, Glorinha, Zé Raimundo e o "Bilito", pulando e ganindo sempre, aproximam-se do carro do jornalista. Vendo passar o corpo do alemão, conduzido por dois soldados, o delegado dá dois passos e, mais próximo de Pedro Rezende, comenta:

DELEGADO REZENDE: Espero que este seja o último nazista!

280. 281. P.P. de Pedro e do delegado. O jornalista discorda e responde, cético:

PEDRO REZENDE: Não acredito que seja o último, doutor Altamiro! Há outros, escondidos pelo mundo, e na própria Alemanha!

DELEGADO ALTAMIRO: Mas estes, meu caro, os judeus um dia vão pegar, você vai ver!

281. 382. Abrindo o quadro, câmera enquadra o grupo em P.M.

Altamiro aperta efusivamente a mão de Pedro, e se despede:

DELEGADO ALTAMIRO: Agora é com você, grande repórter! Convoque a imprensa, a televisão, o cinema, o que você quiser! Você merece este “furo”, com exclusividade! Até breve, meu caro, e muito obrigado por tudo!

PEDRO REZENDE: Eu é que agradeço, delegado! Até breve!

Antes de entrar no carro, Pedro, lembrando-se de alguma coisa, chama o delegado, que se afasta:

PEDRO REZENDE: Doutor Altamiro, por favor, um minutinho só!

O delegado, quase chegando a seu carro, volta-se para o jornalista, respondendo:

DELEGADO ALTAMIRO: Pois não?

²⁸²
383. Câmera focaliza Pedro Rezende em P.A., caminhando na direção do delegado, que o espera à porta do carro.

Seguido pela câmera em panorâmica, câmera termina o movimento quando enquadrar Pedro e Altamiro em P.P.

Pedro então fala ao delegado:

PEDRO REZENDE: E esta fazenda, doutor Altamiro? O que vai ser feito dela?

DELEGADO ALTAMIRO: Boa pergunta. Com a proprietária presa, sem herdeiros, a fazenda deve ter um destino. Vou conversar com um advogado e examinar a situação legal da propriedade.

PEDRO REZENDE: Tenho uma proposta, doutor Altamiro: vender a fazenda e dar o dinheiro à família das crianças que eles mataram!

DELEGADO ALTAMIRO: É isto mesmo, meu caro! Excelente idéia! Defenda a proposta no jornal, na televisão, onde você puder!

E entra no carro, repetindo, para si mesmo: "Excelente idéia! Excelente idéia!". Pedro Rezende, satisfeito, retorna a seu carro.

²⁸³384. Enquadrado em P.M., Pedro aproxima-se do carro, ao lado do qual o esperam Zé Raimundo, Marialva, carregando Glorinha, e o cachorro "Bilito", pulando sempre, tentando lambe o rosto da menina.

Pedro então convida:

PEDRO REZENDE: Vamos embora?

²⁸⁴385. Câmera, de novo instalada na grua, enquadra inicialmente, em P.M., a porteira e a comitiva de carros na estrada de terra.

Quando os veículos começam a movimentar-se, afastando-se da fazenda, a grua começa a subir para, no final, enquadrar em G.P.G., a estrada e a paisagem do sertão, com as montanhas ao fundo.

Os veículos manobram, levantando nuvens de poeira, e, pela estrada de terra, tomam o caminho de volta a Datas

SOM: Sirene do carro do delegado e dos carros seguindo pela estrada.

Em bg, fracos, os latidos do cachorro de Glorinha.

ESCURECIMENTO

SEQÜÊNCIA 15 - FINAL

X

EXTERIOR - RUA DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - MANHÃ

²⁸⁵385. Enquadra-se a casa de Zé Raimundo em P.G. A porta de entrada se abre e saem o garimpeiro, Marialva e Glorinha.

Zé Raimundo carrega a bateia, a marmita com o almoço e alguns instrumentos de garimpo.

²⁸⁶386. P.A. do grupo, no instante em que Zé Raimundo se despede, partindo, em novo dia de garimpagem no rio Jequitinhonha. Beija Marialva e Glorinha, dizendo:

ZÉ RAIMUNDO - Venho mais cedo para a missa, Marialva. Você leva a Glorinha para a escola, não é?

GLORINHA: Não precisa não, papai. Posso ir sozinha. Não tem perigo! Pode ficar tranquilo! *Com o "Bitico"*

MARIALVA: Não, Glorinha, você ~~não vai~~ *vai com o "Bitico".*
 mais sozinha. *Mãe eu* Levo e ~~busco~~ *trago* você.

Zé Raimundo se afasta, a caminho do rio.

INTERIOR - GABINETE DO DELEGADO - DATAS MANHÃ

387. Câmera, no interior do gabinete do delegado Altamiro, enquadra-o em P.A., examinando e assinando papéis. Está só, e um velho ventilador refresca um pouco o ambiente.

SOM - Ruído do ventilador e duas batidas na porta.

388. Em novo enquadramento, focaliza-se agora o gabinete do delegado em P.M., mostrando a porta de entrada que se abre, entrando o detetive Rubens. Seguido pela câmera em Pan-E-D, Rubens se aproxima da mesa do delegado. E diz:

DETETIVE RUBENS: Com licença, doutor Altamiro.

O delegado, parando de ler, encara o funcionário, que continua:

DETETIVE RUBENS: O Chico Tripa deu outra surra na mulher. Ela está gritando, pedindo pro senhor ir lá!

DETETIVE RUBENS: Vá você lá, Rubens, prenda o Chico e dê um corretivo nele! E diz pra Ritinha não chamar mais o Chico de "pau d'água" e ir na farmácia, que estou muito ocupado!

FRONTE EXTERIOR - CASA DE JUCA REZENDE - DATAS - DIA

*Página 95
 Plano 289.*

389. Diante da casa e comércio de "seu" Juca Rezende câmera focaliza o carro de Pedro Rezende, estacionado ao lado da porta de entrada. Pouco depois saem da casa comercial, "seu" Juca e o filho, enquadrados em P.A.,

aproximando-se do veículo. E lá se despedem:

PEDRO REZENDE: O caso da Glorinha teve repercussão no mundo inteiro, papai.

JUCA REZENDE: Mas também você fez um trabalho excelente! Foi uma das melhores reportagens da Televisão brasileira. Mérito seu, meu filho!

PEDRO REZENDE: Foi trabalho de equipe, papai. Acho que com a reportagem minha ida para Londres está garantida.

JUCA REZENDE: Vai ser ótimo pra você, Pedro, mas triste para sua mãe e para mim. Londres é muito longe, meu filho!

PEDRO REZENDE: Meu problema conjugal está me desgastando muito, papai. Esta viagem vai me fazer bem.

JUCA REZENDE: E a Cleusa, como está reagindo?

PEDRO REZENDE: A reação dela não me preocupa. O mais importante para mim são vocês e meus filhos. Vou sentir falta de todos. Da Cleusa, não.

Câmera recua, em "travelling", abrindo o quadro até P.M., mostrando Pedro e o pai que se aproximam do carro.

Diante dele, Pedro abraça demoradamente o pai e o beija, dizendo:

PEDRO REZENDE: Então adeus, papai. Antes de viajar, venho ver vocês aqui.

JUCA REZENDE: É pena você não ficar pra missa da Marialva. Você se despediu dela?

290. P.P. de Pedro Rezende, entrando no carro, fechando a porta e respondendo ao pai:

PEDRO REZENDE: Não podia deixar de me despedir dela, do Zé Raimundo e da Glorinha. Ela insistiu para eu ficar para a missa, mas dei uma desculpa. Já tive emoções muito fortes aqui, papai. E ver a Marialva atravessando a igreja de joelhos, seria uma dose forte para meu coração. Ela compreendeu. Vou indo, então, papai. Até breve!

291. P.P. de "seu" Juca Rezende, com os olhos marejados, dizendo:

JUCA CARNEIRO: Adeus, meu filho!

Juntamente com o primeiro-plano de "seu" Juca Rezende, ouvem-se, na trilha sonora, o ruído do carro que arranca na rua de Datas e, mais forte ainda, antecipadamente, música de órgão, com um "Prelúdio" de Bach (talvez "Jesus Alegria dos Homens").

SOM - Ruído de carro arrancando e, mais forte, "Prelúdio" de Bach.

INTERIOR - IGREJA-MATRIZ DE DATAS - DIA

292. Transferindo-se para o interior da bela igreja-matriz de Datas, câmera, instalada em carrinho, inicia Trav-Atrás, enquadrando, em P.P.P., o rosto de Marialva, exprimindo intensa emoção, com os olhos marejados de lágrimas.

Câmera, em seguida, faz panorâmica de alto-baixo, descendo pelo corpo de Marialva, que veste traje branco, até mostrá-la, avançando lentamente de joelhos no tapete do templo.

Durante alguns instantes, câmera documenta, através de Trav-Atrás, a insólida caminhada de Marialva, de joelhos.

SOM - Na trilha sonora continua a ouvir-se o Prelúdio de Bach.

293. Instalada no ponto mais alto do interior da igreja, câmera focaliza em G.P.G. toda nave do templo religioso, repleta de moradores e amigos de Zé Raimundo, Marialva e Glorinha.

Embaixo, no tapete do corredor central da igreja, destaca-se Marialva, que continua a caminhar lentamente de joelhos, ouvindo-se, no silêncio geral, a música de órgão com um belíssimo Prelúdio de Jean Sebastian Bach.

294 a ³⁰⁰~~290~~. Esta nova e derradeira série de planos do filme registrará, de

Ref. 97
Plano 293
Ref. 100
Plano 316
Ref. 98
Plano 298

diferentes ângulos a difícil caminhada de Marialva, com destaque para primeiros-planos dela, Zé Raimundo, Glorinha, dona Aparecida e o padre Arnaldo, todos muito emocionados.

Um dos planos mostrará Marialva chegando diante do altar de Nossa Senhora da Conceição, diante do qual se prostra, rezando e chorando.

SOM - Continua a ouvir-se o "Prelúdio, de Bach.

O plano ³⁰⁰~~400~~, último do filme, será novo G.P.G. de todo o interior da igreja, mas agora captado do alto do coro, sobre o portal de entrada, mostrando, de joelhos, a multidão de fiéis e, ao fundo, no altar, padre Arnaldo que dá a bênção final da missa.

SOM - Sobe, em seus últimos acordes, o "Prelúdio" de Bach.

F I M

(Direitos autorais registrados na Biblioteca Nacional)

G. MINAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS LTDA.

GERALDO SANTOS PEREIRA
Diretor

Rua Pompéia, 39, Conj. 01 - Prado
Cep 30410-130
Telefax (031) 371-4604
Belo Horizonte, MG